



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA

VIVIANE GONÇALVES BRANDÃO

**A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL PARA AS PRÁTICAS
DE LETRAMENTO: PRIMEIRA FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL**

ARAGUAÍNA – TO
2016

VIVIANE GONÇALVES BRANDÃO

**A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL PARA AS PRÁTICAS
DE LETRAMENTO: PRIMEIRA FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Professora Doutora Selma Maria Abdalla Dias Barbosa

ARAGUAÍNA – TO

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

B817c Brandão, Viviane Gonçalves.

A contribuição da literatura infantil para as práticas de letramento:
Primeira fase do Ensino Fundamental . / Viviane Gonçalves Brandão.
– Araguaína, TO, 2016.

100 f.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do
Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-
Graduação (Mestrado) Profissional em Letras Ensino de Língua e
Literatura, 2016.

Orientadora : Selma Maria Abdalla Dias Barbosa

1. Linguagem. 2. Literatura infantil. 3. Letramento. 4. Formação de
leitor. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde
que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica
da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

VIVIANE GONÇALVES BRANDÃO

**A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL PARA AS
PRÁTICAS DE LETRAMENTO: PRIMEIRA FASE DO ENSINO
FUNDAMENTAL**


Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Tocantins como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Letras, sob a orientação da professora Doutora Selma Maria Abdalla Dias Barbosa.

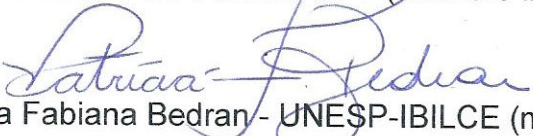
Aprovada em 23 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA


Profa. Dra. Selma M^a Abdalla Dias Barbosa (orientadora - UFT)


Profa. Dra. Ana Claudia Castiglioni- UFT (membro interno - UFT)


Prof. Dr. Luiz Roberto Peel Furtado-UFT (membro interno - UFT)


Profa. Dra. Patricia Fabiana Bedran - UNESP-IBILCE (membro externo - UNESP/IBILCE)

A Deus que me deu força nesta trajetória,
meus familiares e amigos.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que me iluminou e me deu forças durante toda essa trajetória. Obrigada Deus! Por mais esta vitória alcançada!

Agradeço aos meus pais, Deusdedit e Luíza, que sempre acreditaram em mim e estiveram ao meu lado. Amo-os!

Ao meu querido esposo, Abraão, pela compreensão, amor, apoio, alegria e, acima de tudo, paciência.

As minhas princesas, Lívia e Alice, fonte de maior inspiração! Inspiram-me a querer mais!

A minha tia Núbia, que dedicou atenção e carinho as minhas filhas, para que eu pudesse escrever. Obrigada!

A minha irmã Cristiane e prima Fabíola, pelo apoio e palavras de incentivo.

Agradeço a minha orientadora Profa. Dra. Selma M^a Abdalla Dias Barbosa, pelo suporte, empenho, incentivo, paciência e ricas contribuições para o desenvolvimento e conclusão deste trabalho.

A banca de defesa, Profa. Dra. Ana Claudia Castiglioni, Prof. Dr. Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira, Profa. Dra. Patrícia Fabiana Bedran, pelo apoio, confiança e pelas contribuições na elaboração deste trabalho.

Obrigada a todos os amigos, colegas de trabalho, que direta ou indiretamente me apoiaram e acreditaram na minha conquista!

“Que ninguém se engane: só se consegue a simplicidade através de muito trabalho”.

Clarice Lispector.

RESUMO

Este trabalho busca refletir sobre a contribuição da literatura infantil para as práticas de letramento, priorizando a primeira fase do Ensino Fundamental. Baseia-se em uma pesquisa-ação, que objetiva investigar o desenvolvimento das práticas de letramento a partir do trabalho desenvolvido com a literatura infantil. A investigação é realizada a partir da aplicação de uma Unidade Didática (UD), com desenvolvimento em uma turma de 5º ano, de uma escola municipal em Araguaína - TO. A Unidade Didática contempla atividades de interação em torno da leitura coletiva do livro infantil: *A Galinha Ruiva*, autor: Editora FTD, Coleção Livro Mágico. Como produto final da UD, foi sugerida a confecção de um livro infantil e uma apresentação de uma dramatização (produções e registros dos alunos envolvidos). A proposta de análise dos dados adquiridos consiste na perspectiva do letramento, priorizando a leitura e a escrita, considerando ainda o desenvolvimento da linguagem oral e escrita e aquisições, propostos por VIGOTSKY (2008), assim também como o despertar do gosto pela leitura, debates, música e a interação entre professora-pesquisadora e alunos. Nesse seguimento, busca-se uma forma de pensar tanto a criança como protagonista do processo de sua aprendizagem, quanto o papel da literatura na escola, como linguagem viva, dinâmica e mobilizadora de saberes e de sujeitos.

Palavras-chave: Linguagem, literatura infantil, letramento, formação de leitor.

ABSTRACT

This work reflects on the contribution of children's literature for literacy practices, prioritizing the first stage of the elementary school. Is based on an action research, which aims to investigate the development of literacy practices from the work developed with children's literature. The investigation is performed from the application of a Didactic Unit (UD), with development in a fifth-grade class in a school Hall in Araguaína. The Didactic Unit includes interaction activities around the collective reading of the book: the hen Redhead, author: Editora FTD, Magical Book Collection. As a final product of UD, was suggested the construction of a children's book and a presentation of a dramatization, productions and records of the students involved. The proposal for analysis of the data acquired is the literacy perspective, giving priority to reading and writing, whereas the oral and written language development, acquisitions, proposed by VIGOTSKY (2008), as well as the awakening of taste for reading, debates, music and interaction between teacher-researcher and students. In this follow-up, a way of thinking the child as protagonist of the learning process, as the role of literature in school, like language alive, dynamic and mobilizing knowledge and subject.

Keywords: language, children's literature, literacy, training of reader.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Divulgação do dia “D” da leitura	34
Figura 2: Explicação da sequência didática	50
Figura 3: Produções artísticas.....	64
Figura 4: Livro confeccionado pelos alunos	79
Figura 5: Apresentação dos alunos.....	82

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Relação dos nomes fictícios dos alunos colaboradores	47
Quadro 2: Horário de aula – Língua Portuguesa.....	58
Quadro 3: Dias das aulas de intervenção	58
Quadro 4: Atividade de interpretação escrita	62
Quadro 5: Letra da música: Galinha Ruiva	67
Quadro 6: Atividade de interpretação escrita	68
Quadro 7: Atividade de comparação de textos.....	70
Quadro 8: Respostas dos alunos	71
Quadro 9: Atividade de produção textual	74
Quadro 10: Atividade de interpretação escrita	77
Quadro 11: Parecer da professora colaboradora	84

LISTA DE SIGLAS

PROFLETRAS	Mestrado Profissional em Letras
SD	Sequência Didática
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
UD	Unidade Didática
UFT	Universidade Federal do Tocantins
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS	16
CAPÍTULO 1	17
REVISÃO TEÓRICA	17
1.1 Dialogando sobre a linguagem oral e a literatura infantil.....	17
1.2 Aquisição e desenvolvimento da linguagem.....	20
1.2.1 Pensamento e linguagem segundo VIGOSTSKI.....	24
1.3 A literatura infantil contribuindo para “despertar o gosto pela leitura”	26
1.3.1 O dia “D” da leitura na rede municipal de ensino da cidade de Araguaína-TO	29
1.4 Letramento e alfabetização	34
1.4.1 Discutindo sobre as práticas de letrar e alfabetizar	36
1.4.2 O desafio de alfabetizar e letrar no ensino fundamental	37
1.4.3 O ensino da leitura e as estratégias de compreensão	39
1.4.4 Planejamento e trabalho em torno das práticas de letramento	40
CAPÍTULO 2	43
PERCURSO METODOLÓGICO	43
2.1 Caracterização da turma e da professora regente	44
2.2 A proposta de intervenção: sequência didática gerenciando produção	47
2.3 Projeto em ação: desenvolvimento da sequência didática	49
CAPÍTULO 3	54
DISCUTINDO E ANALISANDO OS DADOS	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	84
APÊNDICES	87

INTRODUÇÃO

A escola é considerada um ambiente que propicia ao aluno um contato com os usos de linguagem oral e escrita. Quando a criança vai para a escola, ela se depara com um novo ambiente, onde é cercada de novas pessoas, que estão prontas para acolhê-la, compreendê-la e ajudá-la a crescer e a se desenvolver. Nesse novo ambiente, a criança vai comunicar-se e interagir-se de maneira parecida ou diferente da que faz em casa, e é durante as experiências vivenciadas em casa e na escola que a criança vai desenvolver a fala. Assmann (1998, p. 29) defende que o ambiente escolar deve ser um lugar de fascinação e inventividade que propicie uma dose de alucinação e entusiasmo, gerando um processo de aprendizagem recheado de vários sentidos.

É preciso que tanto o professor quanto a família “se comuniquem” com as crianças espontaneamente no dia a dia e, ao mesmo tempo, compreendam como a linguagem se desenvolve, a fim de enriquecer o repertório da fala e das experiências dos alunos. Lembrando que, quando falamos nessas experiências de comunicação, estamos envolvendo também a linguagem escrita. Segundo VIGOTSKI (2008), a comunicação acontece na interação com o outro, e a principal função da linguagem se constitui no intercâmbio social, pois a linguagem é o sistema simbólico básico dos grupos sociais.

Sendo assim, buscamos apresentar nesta pesquisa um trabalho voltado ao uso da linguagem oral e escrita baseado no ensino a partir da literatura infantil. É notável que a literatura infantil proporcione às crianças diferentes experiências com a linguagem e com os sentidos, promovendo o seu desenvolvimento linguístico e cognitivo, possibilitando assim, que elas possam ter acesso à leitura e à escrita de maneira atrativa.

Portanto, é papel do professor incentivar seus alunos à leitura desde os anos iniciais, pois esse incentivo irá refletir no futuro das crianças. Partindo deste pressuposto, é que evidenciamos que existe uma enorme diferença entre uma criança que, desde a infância, envolve-se no mundo da leitura e um adolescente ou adulto que a realiza mais tarde.

Dessa forma, tomamos como instrumento de ensino a literatura infantil para nos auxiliar nessa pesquisa, a fim de investigar e diagnosticar a seguinte questão: **Como a literatura infantil pode contribuir com as práticas de letramento na primeira fase do Ensino Fundamental?**

Acredito que a literatura infantil pode abrir portas para o educador, se ela for usada como apoio constante em sua prática pedagógica. Ela abre caminhos para a imaginação, para o gosto pela leitura; enfim, é precursora de novos horizontes para que as crianças vençam os seus desafios e seus conflitos. A literatura infantil faz parte de nossas vidas muito antes de sabermos ler ou escrever, ou seja, ela se faz presente por meio das cantigas de ninar, das brincadeiras de roda, cantigas de rodas e de contos de histórias realizadas por pessoas da família ou que fazem parte do meio em que convivemos. Parece que, quando a criança chega à escola, a literatura passa a ter o domínio de construir uma ligação lúdica entre o mundo da imaginação, dos símbolos subjetivos, e o mundo da escrita, dos signos convencionais impostos pela cultura sistematizada.

É viável ao professor fazer uma intervenção, ou seja, uma mediação, entre o texto literário e a criança. A interação com os textos literários deve acontecer através de contatos espontâneos das crianças com os livros, na qual o professor vai mediar o contato das crianças com a história. Através dessa mediação, espera-se que a criança passe a fazer uso da leitura e da escrita, envolvendo-se em práticas sociais que lhe permitirão novas condições social e cultural. Cabe ao professor desenvolver atividades como ouvir e ler historinhas infantis, contos, ou seja, textos que estejam sempre no nível de interesse das crianças, proporcionando-lhes situações que possam estimular sua curiosidade seu interesse em fazer, observar e participar.

Desse modo, acredito ser possível despertar na criança o interesse de expor seus sentimentos, suas emoções, permitindo-lhes assim crescer emocionalmente, pois a criança que está na primeira fase do Ensino Fundamental é capaz de construir, transformar, inventar o real naquilo que deseja. Por essa razão, é que devemos estar atentos quanto aos conteúdos que ensinamos nas séries iniciais, pois devem estar de acordo com os interesses das crianças, ancorados em suas experiências, o que é proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, nos quais o ensino de um conteúdo deve ser visto como meio para que os alunos

desenvolvam as capacidades que lhes permitam produzir e usufruir dos bens culturais, sociais e econômicos (BRASIL, 1997).

ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS

Este trabalho está dividido em três capítulos, sendo que o capítulo 1, *Revisão teórica*, está dividido em cinco subseções, a saber: Dialogando sobre a linguagem oral e a literatura infantil, uma reflexão sobre a aquisição e desenvolvimento da linguagem, linguagem e pensamento na teoria de VIGOTSKI . Neste capítulo, apresentaremos também uma discussão sobre a contribuição da literatura infantil para despertar o gosto pela leitura e como são as orientações para que seja realizado o dia “D” da leitura na rede municipal de ensino da cidade Araguaína- TO. Apresentamos ainda um estudo sobre letramento e alfabetização, desafios, práticas, estratégias e planejamento. Os referenciais teóricos que constam na revisão teórica serviram de embasamento para a intervenção pedagógica realizada e para a análise dos dados da pesquisa.

O Capítulo 2, *Percurso metodológico* foi utilizado para apresentar a pesquisa-ação de cunho qualitativa e interventiva, realizada em uma sala de 5º ano através da utilização de uma UD produzida pela professora pesquisadora. Apresentamos também a caracterização da turma e da professora colaboradora. Neste capítulo abordamos, ainda, a proposta de intervenção que advém de uma análise do contexto, das necessidades: sequência didática, gerenciando produção; e apresentamos o projeto desenvolvido durante a intervenção.

No Capítulo 3, *Discutindo e analisando os dados*, pudemos investigar na prática como a literatura infantil pode contribuir para as práticas de letramento, tornando nossa prática mais significativa para o letramento. A investigação aconteceu a partir da prática de leitura e escrita, de música, de exploração artística, de debates orais e de apresentação teatral, respondendo assim a pergunta da pesquisa “*Como a literatura infantil pode contribuir para as práticas de letramento na primeira fase do Ensino Fundamental?*”.

Através desta dissertação, esperamos estimular professores e pesquisadores a investir no ensino, utilizando a literatura infantil como uma ferramenta de apoio pedagógico, oportunizando aos alunos um ensino aprendido prazeroso.

CAPÍTULO 1: REVISÃO TEÓRICA

Este capítulo abordará a fundamentação teórica utilizada para a realização desta pesquisa, baseada nas teorias de KAIL (2013), VIGOTSKI (2008), ZILBERMAN (1987), BETTELHEIM (1996), FERREIRO (1980), TEBEROSKY (1999), SOARES (2000, 2004), SOLÉ (1999), FREIRE (1996), LAJOLO (2005) dentre outros.

1.1 DIALOGANDO SOBRE A LINGUAGEM ORAL E A LITERATURA INFANTIL.

A língua, seja ela oral ou escrita, é muito importante para a inserção do aluno no meio social. Partindo desse pressuposto, é que podemos observar como é importante valorizar a capacidade de nossos alunos. Segundo Vigotski, (2008, p. 62), a forma pela qual o desenvolvimento intelectual da criança acontece torna possível o uso da linguagem como um instrumento lógico e analítico do pensamento.

Entende-se, então, que o ser humano tem a capacidade de fazer uso da linguagem. Segundo Kail, 2013 (p.11,12), a maioria das crianças domina as estruturas básicas de sua língua materna por volta dos quatro anos de idade; ao mesmo tempo, dá provas de desempenhos expressivos em outros campos do desenvolvimento cognitivo e social, que parecem exercer um papel de destaque na emergência da própria linguagem.

Vale destacar que a criança percorre por caminhos, ou seja, processos, para adquirir a aquisição da linguagem. O balbúcio e o choro são considerados as primeiras palavras, estágios do desenvolvimento da fala (VIGOTSKI, 2008, p. 52); e, quando a criança “faz a maior descoberta de sua vida”, a de que cada coisa tem seu nome. Muitas vezes, ignoramos quais os caminhos foram percorridos e observamos somente que ela já produz uma estrutura linguística.

Ela é capaz de absorver conhecimentos e fazer uso deles para comunicar-se e interagir-se; portanto, é preciso acrescentar que a escola é um espaço muito

importante para que o aluno tenha essa abertura, e o acesso aos diversos textos escritos, que, trabalhados, se transformarão em produção de aprendizagem, conduzindo-a a entender que a variação linguística é um fenômeno comum às línguas.

Por isso, é preciso envolver a criança desde cedo em leituras de textos literários, para que ela passe a querer envolver-se mais com novos textos, fazendo descobertas e ampliando sua compreensão de si e do outro. Abrindo-se novos horizontes da cultura, do conhecimento e o mais importante, percebendo como é construída a realidade em que vive:

[...] enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança. (BETTELHEIM, 1996, p.20)

Ao contar uma história, devemos sempre envolver a criança e fazê-la identificar-se com os personagens da história; pois, ao interagir com os textos, a criança passa a despertar emoções como se estivesse vivendo o que ali lhe é contado, o sentimento aflorado permite que a criança, através da imaginação, exercite a capacidade de resolver situações do seu cotidiano.

[...] a obra literária pode ser entendida como uma tomada de consciência do mundo concreto que se caracteriza pelo sentido humano dado a esse mundo pelo autor. Assim, não é um mero reflexo na mente, que se traduz em palavras, mas o resultado de uma interação ao mesmo tempo receptiva e criadora. Essa interação se processa através da mediação da linguagem verbal, escrita ou falada... (AGUIAR, BORDINI, 1993, p. 14)

Vale destacar que uma história proporciona novas possibilidades de aprendizagens: interação, diálogo, valores no texto, trocas de ideias; enfim, o necessário para contribuir para o desenvolvimento da habilidade de expressão. A interação se faz necessária para que a criança descubra o mundo em que vive, e, aos poucos, construa seu próprio conhecimento em relação a ele. O diálogo, valores no texto e trocas de ideias formam um conjunto que deve ser trabalhado junto. Ao realizar a leitura em sala de aula, o professor deve apontar que mensagem o texto traz consigo e, a partir daí, esses “valores” poderão tornar-se ferramenta de diálogo com as crianças, permitindo-lhes um progresso na aquisição de aprendizagem.

Para que possamos garantir um aprendizado, através do ensino com a

literatura infantil, é necessário sustentar a prática de ensino da língua em um âmbito social, no qual seja revisto e valorizado tudo que envolva o aluno e a sua interação com o “mundo literário”. Concordando com ZILBERMAN, 1987:

O que a ficção lhe sugere é uma visão de mundo que ocupa as lacunas resultantes de sua restrita experiência existencial, através de sua linguagem simbólica, e sim admitir que, seja através do conto de fadas, da reapropriação de mitos, fábulas e lendas folclóricas, ou do relato de aventuras, o leitor reconhece o contorno dentro do qual está inserido e com o qual compartilha sucessos e dificuldades. (ZILBERMAN, 1987, p. 23,24)

Se a criança for envolvida em atividades atraentes com a literatura infantil, ela irá adquirir habilidades para agir nas diferentes situações sociais e comunicativas, pois a literatura:

[...] sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ele continua a se comunicar com o destinatário atual, porque ainda fala o seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois a conhecê-lo melhor. (ZILBERMAN, 1987, p. 22)

É preciso esclarecer que, para obtermos uma boa formação de leitores nas nossas escolas, é necessário que os professores e a escola incentivem algumas práticas pedagógicas como o convívio contínuo com histórias, livros e leitores; valorizem o momento da leitura; ofereçam um acervo variado (este é possível porque as escolas públicas recebem do Ministério da Educação PNB- Programa Nacional Biblioteca da Escola livros que contribuem também para o acesso à cultura e à informação, para uso na biblioteca ou em sala de aula); tempo para poder ler, sem interrupções; possuam espaço físico agradável e estimulante; mantenham atenção às dificuldades de aprendizagem de cada criança; oportunizem momentos para que possam se expressar, registrar e compartilhar as interpretações e as experiências vividas através da leitura, tendo ainda, o acesso à orientação qualificada sobre por que ler.

[...] enquanto instituições, a escola e a literatura podem provar sua utilidade quando se tornarem o espaço para a criança refletir sobre sua condição pessoal. (ZILBERMAN, 1987, p. 21).

Neste sentido, entende-se que o desafio de formar leitores, por meio da literatura infantil é de grande responsabilidade, tanto da escola quanto do professor;

pois precisam ter a disposição e o compromisso de conceder à criança um contato permanente com os livros, para que elas possam conviver desde cedo com suas histórias, embora ainda não conheçam as letras e não desenvolveram a leitura.

Porque a literatura infantil atinge o estatuto de arte literária e se distancia de sua origem comprometida com a pedagogia, quando apresenta textos de valor artístico a seus pequenos leitores. E não é porque estes ainda não alcançaram o *status* de adultos que merecem uma produção literária menor. (ZILBERMAN, 1987, p. 23)

Por isso, acreditamos na literatura e, em especial, na literatura que é trabalhada nos espaços escolares. O professor tem a oportunidade de trabalhar a oralidade de forma popular, fazendo uma inserção da literatura na vida das crianças, proporcionando-lhes uma autonomia identitária e social. Portanto, a criança deixará de depender daquilo que o adulto decide e procurará ser independente de suas escolhas, passando a acessar novas formas de gêneros, desapegando-se da memorização pela musicalidade e repetição, partindo para a leitura em continuidade com a escrita e vice-versa.

Na próxima seção apresentaremos algumas teorias de aquisição da linguagem pela criança numa perspectiva norteada pelos autores Kail (2003), que aponta vários métodos e pesquisas relacionados ao desenvolvimento da linguagem e Vigotski (2008), que defende que o desenvolvimento da linguagem e do pensamento tem origens sociais, ou seja, é na interação verbal, no diálogo da criança com o adulto que acontece o desenvolvimento da linguagem e do pensamento.

1.2- AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

Lyons (1987) usa algumas definições para linguagem. Dentre elas, a do autor Sapir, (1929), que define a linguagem como “um método puramente humano e não instintivo de se comunicarem ideias, emoções e desejos por meio de símbolos voluntariamente produzidos” (p. 3). Portanto, entende-se que a linguagem faz parte de nossa herança biológica, pois depende das características exclusivas do cérebro humano. A linguagem é tida como a principal interação entre os conhecimentos do mundo biológico e os conhecimentos do mundo sociocultural.

Os estudos referentes à aquisição da linguagem visam a mostrar de que modo o ser humano parte de um estado no qual não possui qualquer forma de expressão verbal e, naturalmente, consegue incorporar a língua de sua comunidade nos primeiros anos de vida, obtendo um modo de expressão e de interação social dela dependente.

KAIL (2013, p.14) relata, em seu livro *Aquisição de Linguagem*, vários métodos e pesquisas relacionados ao desenvolvimento da linguagem. Os métodos variam desde a percepção precoce da linguagem até a produção da linguagem.

A linguagem é muito importante na organização da conduta da criança e no seu desenvolvimento. Primeiramente a sua influência é feita de fora para dentro, em seguida, a influência da linguagem passa a se projetar de dentro para fora:

[...] o feto começa a se familiarizar com alguns sons e ritmos de sua língua materna. Por conta da maturidade do sistema auditivo, que já é funcional por volta do último trimestre da gravidez, o feto pode perceber sons outrora atenuados pelo barulho do meio intrauterino. (KAIL, 2013, p. 14)

É por volta dos 5 meses que a criança domina sua fonação e que se instauram os princípios do controle articulatório, que permite modular as variações de altura e de intensidade da voz. Esse período dos jogos vocais é marcado por uma variedade de produções (vogais isoladas e quase sílabas) que preenchem uma função primitiva de comunicação. (KAIL, 2013, p. 31)

Essas produções de vogais isoladas e quase sílabas são consideradas pela autora como produções precoces, que acontece no período do balbucio ao primeiro léxico. O balbucio aparece de repente entre 6 e 9 meses, caracterizando-se pela produção de sílabas simples constituídas por sequências consoante-vogal repetidas continuamente, exemplo: “ba,ba,ba”. A criança está vinculada à percepção dos sons, mas vale ressaltar que as crianças surdas não balbuciam do mesmo modo que as crianças ouvintes (KAIL, 2013, p. 31,32).

A autora menciona ainda sobre os atrasos que acontecem entre a percepção e a produção da fala durante as primeiras etapas da aquisição da linguagem, que geralmente podem estar interligados à independência dos sistemas perceptivos e motor.

[...] nas primeiras etapas da aquisição da linguagem, numerosas variáveis cognitivas estão em correlação com aquilo que a criança *sabe* sobre a linguagem indexada por seu entendimento, mais do que aquilo que ela *faz* indexado por sua produção. (KAIL, 2013, p. 35)

Esse período de projeção de dentro para fora é denominado pela autora como o fenômeno da explosão vocabular, pois é quando a criança vai relacionar o entendimento à produção.

[...] o período de constituição do léxico, que se estende entre 12 e 36 meses, é um período crucial, marcado pela defasagem entre entendimento e produção, pela existência de tendências gerais no ritmo da expansão lexical (o fenômeno da explosão vocabular) (KAIL, 2013, p.33)

A explosão vocabular se refere à descoberta de que toda coisa pode ser nomeada. Quando a criança faz isso, adquire a experiência da generalidade da relação entre forma sonora e referente.

Uma das questões tradicionais nas pesquisas sobre o léxico precoce é a que trata de determinar como a criança faz corresponderem às unidades da linguagem segmentada em palavras e os acontecimentos do mundo, objetos e ações. (KAIL, 2013, p.42)

A criança começa aprendendo nomes, direcionadas em primeiro momento pelos pais e por aqueles que a cercam, através da linguagem; e, mais tarde, ela passa a ser controlada por ela própria, através da linguagem interiorizada. A criança, quando bem envolvida de atenção das pessoas que estão ao seu redor, mais facilmente desenvolve seu vocabulário.

Entre 9 e 12 meses, o próprio bebê produz gestos de apontar e, no início do segundo ano, olhares indicações e vocalizações tanto da criança quanto da mãe contribuem para dirigir a atenção conjunta para um mesmo objeto ou acontecimento. Vários estudos demonstraram que as crianças mais frequentemente envolvidas em episódios de atenção conjunta adquirem seu vocabulário mais rapidamente. (KAIL, 2013, p.78)

Finalizando, pudemos observar que, para que aconteça o desenvolvimento da linguagem, é necessário e natural que a criança passe por vários estágios, a fim de adquirir a linguagem. A trajetória do desenvolvimento da linguagem parece ser universal e contínua, dependendo do meio e estímulos. Vejamos os apontamentos segundo a autora supracitada:

Os estágios de desenvolvimento em aquisição da linguagem

- Produção de sons: choro, riso, gritos, identificação de sons dos familiares **(0-3 meses)**;
- Balbucio, produção de vogais, consoantes, discriminação dos sons da fala, expressões faciais **(4-6 meses)**;
- Balbucio repentino, produção de sílabas simples: ba,ba,ba..., aponta para objetos **(6-9 meses)**;
- Produção das primeiras palavras, jargão (balbucio com fala), contato visual, gestual, expressão facial **(10-11 meses)**;
- Acontecimento das duas fases distintas: a pré - linguística, onde são vocalizados os fonemas, e em seguida, a fase linguística, quando a criança começa a falar palavras isoladas com compreensão; produção em média de 10 palavras **(11-12 meses)**;
- Produção em média de 30 palavras, as variações nos gestos comunicativos e simbólicos aos 14 meses correlacionam-se muito mais estreitamente com o entendimento lexical do que com a produção **(14 meses)**;
- Produção em média de 65 palavras **(16 meses)**;
- Produção em média de 175 palavras **(20 meses)**;
- A explosão vocabular, em que a criança se põe a produzir entre 4 e 10 palavras novas por dia, período que corresponde também às primeiras combinações de palavras; produção em média de 300 palavras **(24 meses)**;
- Produção de mais de 530 palavras **(30 meses)**.

A autora enfatiza que surgiram diversas interpretações a fim de explicar como ocorre a explosão vocabular, mas acaba chegando à conclusão de que isso acontece devido à ligação que a criança faz entre a coisa e o nome.

Diversas interpretações foram avançadas para explicar a explosão do vocabulário, e a maioria delas concorda em evocar uma ligação com a descoberta de que toda coisa pode ser nomeada. Ao fazer isso, a criança tem a experiência da generalidade da relação entre forma sonora e referente. (KAIL, 2013, p. 34)

O processo de aquisição de linguagem é contínuo e acontece de forma ordenada, e os meios e modos de comunicação, de expressões faciais e gestuais, fazem parte do processo; pois se tornar um falante nativo é algo que se concretiza muito antes da idade escolar.

1.2.1 PENSAMENTO E LINGUAGEM SEGUNDO VIGOTSKI

A visão sobre linguagem que encontramos na obra do psicólogo e educador russo LEV VIGOTSKI (1896-1934), é que o sujeito tem consciência para si e para o outro, sendo capaz de trabalhar em grupo, em cooperação, e faz isso utilizando a linguagem. Para VIGOTSKI, a linguagem é social e tem como função inicial a comunicação, expressão e compreensão. A comunicação está ligada ao pensamento e sua função básica é permitir a interação social e ao mesmo tempo organizar o pensamento.

No seu livro *Pensamento e Linguagem*, o autor mostra-nos um estudo sobre a linguagem com experimentos científicos, fazendo-nos uma profunda reflexão sobre o pensamento e a linguagem. O autor apresenta sua concepção de que é na interação com o outro que acontece a comunicação. Isso se dá porque a transição do pensamento para a palavra precisa passar pelo significado e, sempre, há algo escondido no que falamos; exemplo: nossas emoções/sentimentos, vontades/desejos, necessidades; isto é, a compreensão é capaz de envolver o verbal e o não verbal, e isso só será possível acontecer na interação com o outro.

Segundo VIGOTSKI, a principal função da linguagem se constitui no intercâmbio social, pois a linguagem é sistema básico de símbolos dos grupos sociais. Para que o homem pudesse comunicar-se, foi preciso que criasse um sistema de linguagem comum, que fosse partilhado e compartilhado, compreendido e entendido pelas pessoas que faziam parte de seu grupo, ou seja, classes conceituais que precisavam ser compreendidas a fim de que as pessoas se comunicassem entre si.

[...] a verdadeira comunicação humana pressupõe uma atitude generalizante, que constitui um estágio avançado do desenvolvimento do significado da palavra. As formas mais elevadas da comunicação humana somente são possíveis porque o pensamento do homem reflete uma realidade conceitualizada. (VIGOTSKI, 2008, p. 8)

Por isso, vale ressaltar que devemos estar atentos ao que vamos oferecer às crianças, embora elas estejam familiarizadas com as palavras, pode ser que ainda esteja faltando o conceito adequado generalizado, ou seja, o significado.

O conceito deve ser trabalhado no dia a dia da sala de aula. A criança precisa perceber, por exemplo, qual é o conceito de “gato”. O professor precisa fazer uma reflexão: gato é um animal de estimação, que mia, tem quatro patas, sua pele é coberta de pelos, não pode ser maltratado porque é um animalzinho indefeso, que gosta de carinho e precisa de cuidados, etc. Pode também inserir músicas que apresentam o nome do animal, a fim de facilitar o desenvolvimento do conceito. Ao perceber o significado, a percepção da criança irá ocorrer através do pensamento generalizante. Quando ela vir qualquer gato, seja na rua, na televisão, em livros etc.; ela conseguirá compreender o conceito de gato. Quando o conceito estiver amadurecido, haverá quase sempre uma palavra disponível (VIGOTSKI, 2008, p. 8).

Como podemos observar, o pensamento e a linguagem têm uma grande ligação, mas se desenvolvem de maneiras distintas, como acrescenta VIGOTSKI:

O pensamento e a palavra não provêm de um único modelo. Em certo sentido, entre ambos existem mais diferenças do que semelhanças. A estrutura da fala não é um mero reflexo da estrutura do pensamento; é por isso que não se podem vestir as palavras com o pensamento, como se este fosse uma peça de vestuário. O pensamento passa por muitas transformações até transformar-se em fala. Não é só expressão que encontra na fala; encontra a sua realidade e a sua forma. (VIGOTSKI, 2008, p. 158)

Vale ressaltar que o progresso da fala não é igual ao progresso do pensamento. O crescimento de ambos muitas vezes se chocam, correm lado a lado e até atingem o mesmo ponto, como acrescenta o autor.

O progresso da fala não é paralelo ao progresso do pensamento. As curvas de crescimento de ambos cruzam-se muitas vezes; podem atingir o mesmo ponto e correr lado a lado, e até mesmo fundir-se por algum tempo, mas acabam se separando novamente. (VIGOTSKI, 2008, p. 41)

No desenvolvimento da fala da criança, acontece o que o autor chama de raízes pré – intelectuais, que vem a ser o *balbucio* e o *choro*; fazem parte do desenvolvimento da fala, mas que ainda não têm relação com o desenvolvimento do pensamento. São manifestações comportamentais direcionadas pelo emocional; “só que pesquisas realizadas por Charlotte Buehler e seu grupo, recentemente, acerca do desenvolvimento da fala da criança, mostram que a função social da fala já é

evidente na fase pré-intelectual do desenvolvimento da fala” (VIGOTSKI, 2008, p. 53). As investigações também comprovaram que o contato através das risadas, dos sons pronunciados com dificuldades, os movimentos diversos são formas de contato social, a partir dos primeiros meses de vida.

Mas é por volta dos dois anos de idade que a criança passa por um momento considerado mais importante, no qual o percurso do pensamento encontra-se com o da fala, iniciando uma nova forma de comportamento, ou seja, o cérebro começa a funcionar de uma nova forma.

[...] mais ou menos aos dois anos, as curvas da evolução do pensamento e da fala, até então separadas, encontram-se e unem-se para iniciar uma nova forma de comportamento. (VIGOTSKI, 2008, p. 53)

A fala torna-se intelectual, pois começa a servir o intelecto, com função simbólica, generalizante e o pensamento torna-se verbal, pois começa a ser verbalizado, ligado por conceitos relacionados à linguagem. Então, no desenvolvimento ontogenético da criança, o pensamento e a fala têm raízes diferentes. No desenvolvimento da fala da criança, há um estágio pré-intelectual; e no desenvolvimento do pensamento, um estágio pré-linguístico. Em certa altura, se encontram: pensamento e fala, mas conseqüentemente, o pensamento torna-se verbal e a fala racional.

Logo em seguida discutiremos como a literatura contribui para a formação de leitores e faremos uma síntese sobre as orientações para o dia “D” da leitura, na rede municipal de ensino da cidade de Araguaína –TO.

1.3 A LITERATURA INFANTIL CONTRIBUINDO PARA “DESPERTAR O GOSTO PELA LEITURA”

A literatura infantil hoje parece ser utilizada como um meio para se alfabetizar; já em alguns casos tem sido usada somente como “passa tempo” em sala de aula, mas será que ela não pode ser uma ferramenta que os professores utilizem e agucem em cada criança uma vontade maior de ler?

Diante de tal questionamento, discutiremos sobre a função da literatura. A literatura, segundo Lajolo (2005 p. 62) abre portas, cutuca, alimenta ou nos permite

“dar asas à imaginação”. A literatura serve para sentir, saber, emocionar, ensinar e aprender.

Mas a literatura é também uma importantíssima fonte de conhecimentos, porque através dos livros aprendemos muito sobre o mundo que nos rodeia. É sempre mais fácil aprender quando nos divertimos, e a literatura pode fazer estas duas coisas: divertir e ensinar. (LAJOLO, 2005, p. 62)

A literatura permite ao aluno conhecimentos sobre o mundo, principalmente do mundo que o cerca. Ela ensina com diversão, pois segundo a autora, é mais fácil aprender se houver diversão. Além de ensinar e divertir, ela expressa a cultura, os valores, as tradições dos povos. Podendo nos ajudar a pensar, colocando em palavras pensamentos e sentimentos Lajolo (2005 p. 63), podendo também funcionar como meio de experimentação de linguagens.

Quando ouvimos e lemos histórias, entramos em um mundo encantador, cheio de surpresas, mistérios, curioso e muito interessante, que nos proporciona diversão e nos ensina. Por isso, é que devemos proporcionar uma relação lúdica e prazerosa da criança com a literatura infantil, assim teremos a possibilidade de formamos leitor. Explorando a fantasia e a imaginação estaremos fortalecendo a interação entre o texto e o leitor e despertando a criatividade.

A interação da criança com a literatura, através de procedimentos pedagógicos adequados, leva-a a uma compreensão mais ampla do texto e abrangente do contexto. Uma obra literária consiste em mostrar a realidade de forma nova e criativa, abrindo espaços para que o leitor descubra o que está nas entrelinhas do texto.

Portanto, não se pode utilizar a literatura infantil como um “passa tempo”, melhor dizendo, como um “pretexto” para o ensino da leitura e para o incentivo ou formação de leitor. Para que o trabalho desenvolvido através da literatura infantil se torne mediador de conhecimentos, é necessário estabelecer relações entre a teoria e prática, possibilitando ao professor atingir determinadas finalidades educativas.

Como ressaltado anteriormente, a criança desde cedo entra em contato com a obra literária, adquirindo uma maior compreensão de si e do outro, tendo a oportunidade de ampliar os conhecimentos de sua cultura, desenvolver sua

criatividade, sendo capaz de perceber o mundo e a realidade que a cerca. Por isso que as autoras: DALVI; RESENDE; JOVER-FALEIROS (2013, p.71) afirmam:

No entanto, é importante dizer, mais uma vez, por que motivos acreditamos na literatura e, em particular, na literatura nos espaços e tempos escolares. Na educação infantil, o trabalho com a oralidade e com as formas populares frequentemente não é visto como uma inserção no mundo da literatura. No entanto, ele é imprescindível: não apenas porque a literatura ajudaria as crianças a pensarem e a enfrentarem seus dilemas e problemas subjetivos, psíquicos, identitários, sociais; o trabalho com a literatura é fundamental também para que, a partir de práticas efetivas de aproximação do literário, as crianças percebam a questão da sonoridade nas quadrinhas, nas cantigas, nos poemas infantis e nas trovas (...): e tudo isso constituirá bases para a apropriação da escrita e de formas não espontâneas da oralidade, além de complexificar a compreensão em diversos níveis (ético, linguístico, estético). (DALVI; RESENDE; JOVER-FALEIROS, 2013, p.71,72)

Propor experiências com a literatura infantil em sala de aula é garantir às crianças interação com os diversos textos trabalhados, possibilitando o entendimento do mundo em que vivem e dando oportunidade para que construam, aos poucos, seu próprio conhecimento. Para garantirmos um ensino de qualidade no ensino com a leitura de literatura é necessário que o professor selecione obras literárias e desenvolva práticas pedagógicas capazes de intensificar a relação da criança com o livro e com seus colegas.

A literatura infanto-juvenil oferece uma mina de obras de qualidade para esse aprendizado da leitura literária. [...] A leitura dessas obras tende a criar um novo horizonte de expectativas nos alunos. (DALVI; RESENDE; JOVER-FALEIROS, 2013, p. 27)

Como saber escolher a melhor obra literária para os nossos alunos, já que a escolha das obras é determinante para a formação de sujeitos leitores? Como enfatizam as autoras, “a literatura oferece uma mina de obras de qualidade”; portanto cabe a nós professores conhecer melhor a realidade de nossos alunos e buscar obras que venham ao encontro aos anseios dos alunos, que permita a criança novos horizontes, transportando-a ao mundo de imaginação.

Parafrazeando BETTELHEIM (1996, p.13), para que uma estória possa prender a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: desenvolver seu intelecto e tornar claras suas emoções; estar em harmonia com as ansiedades, reconhecendo suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os seus problemas.

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMOVICH, 1995, p.17)

Portanto, a conquista do “despertar o gosto pela leitura” se dá através da relação prazerosa com o livro infantil, onde sonho, fantasia e imaginação se misturam numa realidade única, criando emoções em parceria com os personagens da história, introduzindo assim situações da realidade.

Na próxima seção apresentaremos um resumo de como acontece o dia “D” da leitura na rede municipal de ensino da cidade de Araguaína-TO, quais são as orientações que as escolas recebem da SEMED (Secretaria Municipal de Educação) para a realização deste dia e como é divulgado para a comunidade.

1.3.1. O DIA “D” DA LEITURA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DA CIDADE DE ARAGUAÍNA

Nesta seção abordaremos em síntese como acontece e como é divulgado o dia “D” da leitura na rede municipal de ensino da cidade de Araguaína – TO. Para isso, tomamos como base, a fim de apresentá-lo, o documento elaborado pelo setor encarregado da parte pedagógica do Ensino Fundamental da SEMED (Secretaria Municipal de Educação). O documento possui 19 páginas não numeradas, mas precisaremos fazer algumas ressalvas, mas não citando páginas. Ele é dividido da seguinte forma:

Título: *Orientações/ Sugestões para o dia “D” da leitura.*

Subtítulos:

- *A literatura infantil nos primeiros anos escolares.*
- *Sugestão de autores de literatura infantil.*
- *Sugestões de atividades para serem trabalhadas no dia “D” da leitura.*
- *Sugestões de legenda para história.*
- *Oficinas para trabalhar produção textual.*

A realização do dia “D” da leitura na escola acontece uma vez por bimestre, contemplado no calendário escolar¹. Segundo o documento, o objetivo da realização do dia “D” da leitura é:

Contribuir para a melhoria da prática de leitura, escrita e produção de textos dos alunos, porém, não de forma isolada, mas em comum com as outras disciplinas curriculares, focalizando sempre um ensino de qualidade no decorrer da vida escolar de nosso educando.

Para tanto, o objetivo proposto pelo documento fundamenta-se em Cagliari (1994, p. 25), pois o autor enfatiza que *"o objetivo fundamental da escola é desenvolver a leitura para que o aluno se saia bem em todas as disciplinas, pois se ele for um bom leitor, a escola cumpriu em grande parte a sua tarefa"*.

Para que o aluno adquira o hábito da leitura é preciso que sejam envolvidos em outros elos no processo de educação. Por isso, precisamos envolver nossos alunos em atividades de leitura que possam despertar o gosto de querer pesquisar, resumir, resgatar a ideia principal do texto, analisar, criticar, julgar e posiciona-se. Sabemos que a escola pode proporcionar momentos diversos de leitura, pois a leitura é um objeto de ensino como destaca os PCN's de Língua Portuguesa:

A leitura na escola tem sido, fundamentalmente, um objeto de ensino. Para que possa constituir também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder do seu ponto de vista, a objetivos de realização imediata. Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. Principalmente, quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é indispensável. (BRASIL, 1997)

Segundo o documento de orientações, cabe “a escola propor situações didáticas com regularidade e voltadas para a formação de atitude favorável à leitura”. É preciso envolver os alunos em atividades de leitura, que os alunos possam achar a leitura interessante e desafiadora.

Portanto, é preciso que ofereçamos textos que retratem o “mundo, a realidade,” a fim de torná-los bons leitores. Não devemos solicitar aos alunos que leiam apenas na sala, o livro didático, as atividades, mas incentivemos a fazerem novas leituras a partir do ambiente que os cercam. Para que o aluno desenvolva a

¹ Calendário Escolar em anexo

capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura é preciso que a escola mobilize-o internamente, pois, para aprender, alcançar conhecimento, necessita de esforço.

A escola propondo situações didáticas referentes à leitura tornará seus alunos confiantes e proporcionará condições para poderem se desafiar a “aprender fazendo”. Acredito que uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler, não é uma prática pedagógica eficiente.

Com o objetivo de auxiliar na prática didática referente ao incentivo à leitura, o documento norteador disponibilizado pela SEMED (Secretaria Municipal de Educação) orienta as escolas da seguinte maneira:

Visando organizar o Dia “D” da Leitura de forma que haja êxito no trabalho escolar, orientamos às Unidades Escolares que:

Realizem o momento com a efetiva prática de leitura;

Preparem o momento da leitura, no qual os alunos entrarão em contato com textos de diversos gêneros e faixas etárias;

Produza, em sala, todo o material a ser apresentado;

Organizem todo o material produzido pelos alunos, através de exposição, de forma que esteja visível a todos;

Os trabalhos deverão contemplar atividades de leitura e produção escrita;

A equipe deverá organizar o espaço com ornamentação adequada para este dia;

A equipe escolar deverá escolher dois dos autores da Literatura Infantil sugeridos pela Secretaria Municipal de Educação;

A pauta, contendo tema, data, horário e responsáveis por cada atividade deverá ser enviada para análise da equipe de supervisores/orientadores da SEMED em até cinco dias úteis antes do evento;

Durante a semana que antecede a culminância do Dia D da Leitura, a U.E. deverá organizar-se de modo que contenha em seus ambientes, livros, textos, imagens e vídeos relacionados aos autores estudados;

No dia da culminância, toda a equipe escolar deverá reservar um tempo para a leitura desses textos (Ex.: O gestor pode ler para um grupo de alunos ou uma turma ou ainda as turmas de alunos do 4º e 5º anos poderão ler para os de 1º, 2º e 3º).

Ressalta ainda que,

“é muito importante que pais e membros da comunidade sejam convidados para participarem das rodas de leitura e observem as produções dos alunos expostas nos murais, painéis e outros. A escola poderá realizar atividades de apresentações dos alunos desde que estas estejam de acordo com os autores estudados e possuam a finalidade própria deste dia”.

Sugere ainda, que a escola se organize da seguinte forma:

Seleção dos autores;
Organização do acervo;
Escolha e organização do espaço;

Quanto às atividades a serem trabalhadas, as sugestões são as seguintes:

Construir fantoches de palito, dedoches e bonecos de massa ou argila a partir da história e utilizá-los para contar a história / fábula / lenda / conto, etc, mostrando a figura ou contando através de fantoches;

Baú de coisas de fora da história;

Varal de Poesia, histórias ilustradas, contos, narrativas curtas;

Propaganda do livro;

Construir bonecos de jornal;

Criação de livros: Esta atividade visa a criação de livros, porém não apenas livros que os alunos irão escrever, mas livros que serão criados, confeccionados pelos alunos com figuras, imagens, letras, números, poemas de livros antigos;

Teatro;

História em quadrinhos;

Caracterização;

Som nas histórias;

Oficina de contadores de histórias;

Surpresa;

Oficina: Notícia maluca;

Oficina: Loteca da leitura;

Oficina: Texto coletivo;

Oficinas para trabalhar produção textual:

Oficina com massinha de modelar ou E.V.A;

Oficina com quebra cabeça.

Oficina com ilustrações.

Viajando na sacola mágica da leitura;

Mural de indicações;

Outras sugestões de atividades.

Essas são as sugestões de atividades para serem desenvolvidas durante todo o dia “D” da leitura, lembrando ainda, que a escola tem autonomia para diversificar suas atividades de acordo com a sua realidade. A divulgação do dia “D” da leitura é realizada através de bilhetes informativos para os pais, reuniões com a comunidade escolar e imprensa.

Observamos a seguir a publicação feita em um link:

Prefeitura de Araguaína realiza Dia D da Leitura²
Publicado: Data: 29/05/2014 Autor: Ascom

FIGURA 1: DIVULGAÇÃO DO DIA “D” DA LEITURA

² Retirado do site: www.araguaina.to.gov.br/portal/paginas.php?p=not¬=noticias, no dia 21/09/2016 às 18:15



A data será marcada por atividades lúdicas como momentos de música, apresentação de redação, cantinhos de leitura e apresentação teatral, das 7 às 17 horas.

Amanhã será um dia de aula diferente para mais de 15 mil alunos da rede municipal de ensino. Tudo por que os estudantes de escolas e creches do município participam do Dia D da Leitura, com momentos de música, apresentação de redação, cantinhos de leitura e apresentação teatral, atividades lúdicas que estimulam a criatividade dos alunos e facilitam o processo ensino-aprendizagem da Educação Infantil ao Ensino Fundamental. Atividades como o teatro e o trabalho com a musicoterapia na escola são formas de contribuir para o desenvolvimento corporal e psicológico do aluno. O Dia D da Leitura tem início às 7 horas da manhã e segue até as 17.

O Dia D é uma culminância do projeto Biblioteca Itinerante, que tem como finalidade levar conhecimento a todas as unidades de ensino do município. Em algumas escolas, o projeto ganha outras dimensões. É o caso da Escola Municipal Vereador Falcão Coelho, localizada no Setor Tiúba. No pátio da escola, a partir das 15 horas, serão montadas tendas e barracas de leitura para despertar nos alunos o interesse pela interpretação textual. “Este momento é muito importante para a aprendizagem de nossos alunos, como também para a socialização deles. Com o Dia D queremos incentivar a criatividade, favorecer a leitura das obras e reafirmar os diversos e novos olhares do mundo”, afirmou o secretário de Educação Jocirley de Oliveira.

Pode-se perceber que o documento é amplo em sugestões de atividades e através das sugestões, é possível realizar um trabalho rico e dinâmico na escola, pois o dia “D” da leitura é um dia “diferente”, cheio de atrações, que mobiliza toda comunidade docente, discente e comunidade local.

A próxima seção apresentará uma discussão sobre letramento, alfabetização, práticas de letrar e alfabetizar, desafios, ensino da leitura, estratégias e planejamento.

1.4 LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO

O letramento surgiu da necessidade de se desenvolver algo que fosse mais real, a fim de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, grau de aprendizagem da língua escrita, isto é, que ultrapasassem a leitura aparente do sistema convencional de escrita, propiciando habilidades de uso da linguagem oral e escrita nas diferentes práticas sociais.

Pode ser considerado um processo de complexidade, que quase sempre é visto e associado à alfabetização. Portanto, existem letramentos de várias naturezas, inclusive, sem a presença da alfabetização. Este termo apresenta conceitos de modos diferentes por autores que estudam o fenômeno; mas segundo Soares (1998), pode-se dizer que o letramento é um processo histórico e social.

Letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social. (SOARES, 1998, p. 72)

Podemos compreender de maneira razoável, portanto, que o letramento influencie até mesmo culturas e indivíduos que não dominam a escrita, pois se trata de um segmento mais amplo do que a alfabetização, embora esteja intimamente relacionado à existência de um código escrito. Desta maneira, culturas ou indivíduos que podem ser considerados iletrados ou ágrafos são somente aqueles que vivem em uma sociedade que não possui, nem sofre a influência ou contato, mesmo que indiretamente, com o “mundo da escrita”. Por esta razão, é que arriscamos afirmar que não existe uma relação direta entre escolaridade e letramento, embora a escolarização possibilite uma inserção mais democrática do sujeito nas sociedades letradas.

O termo letramento, segundo Soares (2000, p.15), “surge no discurso dos especialistas de Educação e ciências da linguagem nos anos 80”. A principal ocorrência está no livro de Mary Kato (1986), “a chamada norma padrão, ou língua falada culta é consequência do letramento, motivo porque indiretamente, é função da escola desenvolver no aluno o domínio da linguagem falada institucionalmente aceita”. Assim, já vinha sendo discutido no Brasil pelas autoras Ferreiro e Teberosky,

que mesmo sem utilizar o termo letramento, já defendiam a alfabetização como um processo indissociável do contexto do aluno e criticavam práticas mecânicas de ensino. Questionavam também a utilização de textos artificiais no processo de alfabetização, defendendo o uso de textos reais, que fizessem parte do contexto social das crianças, para que pudessem propiciar uma aprendizagem significativa. Por isso, ao defenderem que o “meio influencia” na aprendizagem da criança, que ela é capaz de associar a sua realidade com o mundo da escrita com o auxílio de uma professora, é que elas destacam:

é bem difícil imaginar que uma criança de 4 ou 5 anos, que cresce num ambiente urbano no qual vai reencontrar, necessariamente, textos escritos em qualquer lugar (em seus brinquedos, nos cartazes publicitários ou nas placas informativas, na sua roupa, na TV, etc.) não faça nenhuma ideia a respeito da natureza desse objeto cultural até ter 6 anos e uma professora à sua frente. (FERREIRO, TEBEROSKY, 1999, p. 29)

A convivência das crianças em ambientes letrados, associada às inúmeras oportunidades de ler e escrever garante a ampliação, no âmbito educacional, da visão alfabetização e letramento. Defende-se o ato de ler e escrever como um conjunto de práticas condicionadas ao repertório dos leitores/escritores.

Acredito que a missão do professor é orientar o aluno na aquisição da flexibilidade linguística necessária ao desempenho exigido pela sociedade. Analisar diferentes textos, compará-los-á, pesquisar os porquês das diferenças, construir regras sobre o uso da língua e, a partir das descobertas, reescrever textos são práticas que produzem resultado na capacitação do aluno no uso da língua. Nesse sentido, letrar é mais que alfabetizar. No processo alfabetizar letrando, o professor capacita o aluno para o domínio dos símbolos da comunicação, habilidade imprescindível no mundo contemporâneo. Tfouni (1995, p.20) afirma,

enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza aspectos sócios históricos da aquisição de uma sociedade. (TFOUNI, 1995, P.20)

Para Soares (2002), “a questão é alfabetizar letrando, ensinar a criança a ler e escrever por meio das práticas sociais da leitura e escrita”. Destaca também, o porquê do conceito de “Letramento” em lugar de “Alfabetização”.

Se uma criança sabe ler, mas não é capaz de ler um livro, um jornal, se sabe escrever palavras e frases, mas não é capaz de escrever uma carta, é alfabetizada, mas não é letrada. (SOARES, 2000, p. 1)

Nas sociedades letradas, ser alfabetizado é insuficiente para vivenciar a cultura escrita e responder às demandas da sociedade de hoje. É notável que o letramento possa abranger a capacidade de o sujeito colocar-se como autor (sujeito) do próprio discurso, no que se refere à relação com o texto escrito e oral. Assim, para uma concepção histórico-social do letramento, há de se considerar uma concepção de língua - e de linguagem - constitutiva das ações sociais. Ações essas que se organizam em enunciados que se criam e se transformam nas práticas comunicativas, representando os variados gêneros e seus alicerces, os quais podem ser vistos como o resultado das práticas discursivas estabelecidas em comunidades discursivas específicas.

Soares (2009, p.18) cria um conceito sobre letramento, referindo-o ao sentido que denota um resultado de uma ação, exemplo: ferimento, resultado da ação de ferir. Definindo que,

Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. (SOARES, 2009, p. 18)

Compreendendo que não basta alfabetizar, é preciso que todos tenham contato e dominem as variadas práticas do uso da língua escrita, tornando esse um processo ativo, que aprende, reflete e age sobre a leitura e escrita, neste intuito deseja-se inserir os educandos no mundo da cultura letrada.

1.4.1 DISCUTINDO SOBRE AS PRÁTICAS DE LETRAR E ALFABETIZAR

As discussões sobre alfabetização e letramento se intensificam a cada dia e novas perspectivas são apontadas, complementando as que se firmaram, ou promovendo reflexões e diálogos sobre os processos intrínsecos e indissociáveis. Alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever. Letrado é aquele que sabe ler e produzir textos, dos mais variados gêneros e temas.

A alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo ou grupo, e deve desenvolver em um contexto de letramento como início da aprendizagem da escrita, como desenvolvimento de habilidades de uso de leitura e da escrita nas práticas sociais (FREIRE, 1996).

“O letramento “focaliza” os aspectos sócios históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade” (TFOUNI, 1995); e ainda, é o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e a escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita. Portanto, alfabetizar letrando é ensinar a ler e escrever o mundo, ou seja, no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, tendo em vista que a linguagem é um fenômeno social. O processo de letramento inicia antes da alfabetização, quando o indivíduo começa a interagir socialmente com as práticas de letramento no seu mundo social. Soares (2004) refere à alfabetização e letramento como processos indissociáveis e interdependentes.

Dissociar alfabetização de letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguística de leitura e escritas, a entrada da criança no mundo da escrita se dá por esses dois processos: aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização, e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – letramento. (SOARES, 2004, p.14)

Percebemos que o letramento e a alfabetização são processos complexos; no entanto, há de se considerar que o letramento é mais amplo, pois não basta ler e escrever: é preciso ser reconhecido nas práticas sociais de leitura e escrita.

1.4.2 O DESAFIO DE ALFABETIZAR E LETRAR NO ENSINO FUNDAMENTAL

Acreditamos que assegurar o direito da criança a aprender a ler e escrever, e a participar do mundo da escrita, é um dos principais desafios do processo educativo atual. Codificar e decodificar as palavras limita o aluno a escrever e ler, impede a aprendizagem de novos contextos e o desenvolvimento de novas habilidades.

Espera-se de uma sociedade letrada que o ensino possa aprimorar a competência e o desempenho linguístico do aluno, tendo em vista a integração e a mobilidade social, além de colocar o ensino na perspectiva produtiva. O ensino da leitura e da escrita deve ser entendido como prática de um sujeito agindo sobre o mundo, para transformá-lo através de sua ação, afirmar a sua liberdade e fugir à alienação.

Através da prática, desenvolvemos nossa capacidade linguística. O objetivo de ensinar a ler e a escrever deve estar centrado em propiciar ao estudante a aquisição da língua portuguesa, de maneira que possa exprimir-se corretamente.

Aconselhado pelo professor, por meio de estímulos à leitura de variados textos, onde serão verificadas as diferentes variações linguísticas, o aluno poderá torna-se um poliglota em sua língua, dominando um maior número de variantes, sendo capaz de interferir socialmente nas diversas situações a que for submetido.

A educação, sendo uma prática social, não pode restringir-se a ser puramente livresca, teórica, sem compromisso com a realidade local e com o mundo em que vivemos. Educar é um ato político. É preciso resgatar o verdadeiro sentido da educação, como destaca Freire:

(...) o ato de estudar, enquanto ato curioso do sujeito diante do mundo é expressão da forma de estarem sendo dos seres humanos, como seres sociais, históricos, políticos, seres fazedores, transformadores, que não apenas sabem, mas sabem que sabem. (FREIRE, 1989, p. 58)

Quando os alunos são sujeitos da própria aprendizagem, “seres fazedores, transformadores”, tomam consciência de que sabem transformar o já feito, construído. Deixam a passividade e a alienação para se constituírem como seres políticos. O diálogo consiste no respeito aos educandos, não somente enquanto indivíduos, mas também enquanto expressões de uma prática social (FREIRE, 1996).

A grande tarefa do sujeito que pensa certo é transferir, depositar, oferecer, doar ao outro, tomando como paciente de seu pensar a inteligibilidade das coisas, fatos e conceitos. (FREIRE, 1996, p. 27)

A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a prática de interagir, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. O aluno não pode ser um simples objeto nas mãos do professor. É o que Freire (ibidem) chama de “educação bancária” - o educando, ao receber passivamente os conhecimentos, torna-se um depósito do educador. “Ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção”. (Freire, 1996, p.47).

Cabe ao professor mostrar aos alunos uma pluralidade de discurso. Trabalhar diferentes textos possibilita fazer uma abordagem consciente das variadas formas de uso da língua, transformando a sala de aula em espaço de descobertas e construção de conhecimentos. Selecionar materiais de leitura para os alunos é uma

das tarefas mais difíceis. São posta em jogo as diferentes concepções de cada professor sobre a aprendizagem, a compreensão, as funções dos textos e o universo do discurso. Trabalhar com gêneros textuais variados nos permite entender que a escolha de um gênero leva em conta os objetivos visados, o lugar social, e os papéis dos participantes.

Na medida em que o educador tomar consciência de sua posição política, articulando conteúdos e práticas significativas, desvinculando-se da função tradicional de mero transmissor de conteúdos e repetidor de exercícios do livro didático, estará transformando o ensino da leitura e da escrita. Um educador como mediador, partindo da observação da realidade, para propor resposta diante dela estará contribuindo para formação de pessoas críticas e participativas na sociedade.

Letrar não é apenas função de professor de língua portuguesa, e sim de todas as áreas de conhecimento e disciplinas, aonde aprendem lendo, escrevendo e interpretando. Em cada área de conhecimento, a escrita e a leitura têm peculiaridades que só os professores que nela atuam conhecem e dominam.

Sendo assim, cabe ao professor procurar reeducar-se quanto à sua prática pedagógica; e o mais importante, estar transformando-se a fim de oferecer aos educandos um ensino que se torne num processo de construção.

1.4.3 O ENSINO DA LEITURA E AS ESTRATÉGIAS DE COMPREENSÃO

De acordo com Solé (1998, p. 55), as estratégias, assim como os procedimentos (também chamados de regras, técnicas, métodos, destrezas ou habilidades), podem ser definidas como um conjunto de ações voltadas para execução de uma meta. Elas têm a função de regular a ação do sujeito, já que lhe permitem avaliar, selecionar, persistir ou mudar determinadas ações em favor de seus objetivos.

No entanto, diferentemente dos procedimentos, as estratégias possibilitam a generalização de sua aplicação, ao mesmo tempo em que exigem a sua contextualização para que sua aplicação seja efetiva. Ademais, as estratégias requerem tanto consciência dos objetivos perseguidos como autocontrole em relação ao comportamento executado para o alcance do objetivo, avaliando-o, supervisionando-o ou modificando-o.

As estratégias de leitura são capacidades cognitivas de ordem mais elevada e intimamente ligadas à metacognição. Elas permitem uma atuação inteligente e planejada da atividade de leitura, já que, enquanto ações metacognitivas, permitem conhecer sobre o próprio conhecimento.

Como ressalta Solé (1998, p.70), essa afirmação traz contida em si duas implicações:

Primeira: As estratégias leitoras precisam ser ensinadas. As crianças não nascem sabendo utilizá-las: "ensinam-se - ou não se ensinam - e se aprendem - ou não se aprendem". Segunda: o ensino de estratégias leitoras deve privilegiar o desenvolvimento de estratégias que possam ser generalizadas a outras situações e não se atenham a técnicas precisas, receitas infalíveis ou habilidades específicas. (SOLÉ, 1998, p. 70)

Assim, deve-se ensinar, com ênfase na capacidade de metacognição, avaliação, controle e flexibilidade de ações que podem ser mudadas em decorrência das situações de leitura. Isto implica dizer que conhecer um vasto repertório de estratégias é menos importante do que saber utilizá-las. Conhecê-las não é o suficiente; criança precisa saber mobilizá-las e utilizá-las em face da variedade de situações de leitura (SOLÉ, 1998, p. 77).

Além disso, o ensino de estratégias de leitura, como Solé (1998, p. 85) o entende, deve-se basear em três ideias básicas:

Primeira: a ideia da situação educativa como um processo compartilhado, em que os papéis de professor e aluno se revezam entre a figura e o fundo do todo que é a situação educativa. Neste tipo de concepção, nem o professor nem o aluno se apresentam como o *centro* do processo, mas como elementos indispensáveis do cenário educativo; Segunda: a ideia de que o professor deve exercer uma função de guia ou orientador. Ele deve favorecer o estabelecimento do elo entre a construção individual pretendida pelo aluno e as construções socialmente estabelecidas, as quais são representadas pelos conteúdos escolares e objetivos específicos; Terceira: a ideia de que os desafios do ensino devem estar um pouco além do que a criança é capaz de resolver sozinha. Ou seja, o ensino não deve esperar como se acreditou e se acredita (a partir de uma má interpretação da Teoria Piagetiana), a prontidão do aluno para aprender.

Neste sentido, Solé (1998, p.88) afirma que:

"O bom ensino não é apenas o que se situa um pouco acima do nível atual do aluno, mas o que garante a interiorização do que foi ensinado e seu uso autônomo por parte daquele". (SOLÉ, 1998, p. 88)

Diante disso, a referida autora defende que o *suporte* dado ao aluno leitor deve ser retirado progressivamente, até que ele alcance mais autonomia e possa controlar sua própria aprendizagem.

No entanto, ainda segundo Solé (1998), o processo de interiorização desse ensino não é explicado. O que parece implícito na ideia de bom ensino apresentada pela autora é que a conquista da autonomia permite a verificação da interiorização, que é favorecida pelo modelo adulto e autônomo de leitura. Porém, como a criança se apropria disso não fica evidente, questão, aliás, que ainda se mostra como um impasse dentro dos grandes sistemas teóricos da Psicologia que abordam o processo de aprendizagem.

Solé (1998, p. 99) chama a atenção tanto para a importância da explicitação no ensino da leitura, quanto para a relevância do auxílio do professor no processo desse aprendizado. Diz ainda que:

A criança precisa aprender que o leitor experiente se utiliza de estratégias que favorecem o controle e avaliação de sua compreensão leitora e, para que isto ocorra, é necessário que se diga o que precisa fazer, demonstrando para ela e fazendo com ela as atividades de leitura, até que não precise mais do auxílio do adulto. (SOLÉ, 1998, p.99)

Essa é uma ideia também defendida por Smith (1999, p. 102). Apesar do autor não acreditar no ensino da leitura, ressalta que a postura do professor deve ser diferentemente do que se pensa, não favorece o desenvolvimento de um comportamento de dependência ou espera por parte da criança, já que esta é capaz de negar a ajuda de outro mais experiente quando se sente segura e com domínio sobre o conteúdo ou tarefa explorada.

1.4.4 PLANEJAMENTO E TRABALHO EM TORNO DAS PRÁTICAS DE LETRAMENTO

As diversidades de métodos e sua combinação coexistente em função do ensino da leitura e escrita parece ser uma tendência internacional. É preciso reconhecer as deficiências de cada proposta e identificar os princípios que devem ser preservados e articulados. Segundo Soares (2002), a escolha do “melhor” método não poderá ser parcial e exclusiva, devendo regular-se por vários critérios:

A integração de princípios teóricos e metodológicos; o apoio em livros e materiais didáticos; a socialização de experiências ou práticas de sucesso de alfabetizadores; e, o diagnóstico dos processos vivenciados pelos alunos.

As decisões metodológicas relacionadas à alfabetização extrapolam a escolha de métodos e envolvem um conjunto de procedimentos pertinentes à preparação da escola, à organização das classes de alfabetização, ao estabelecimento de planejamentos e à implementação do ambiente alfabetizador.

As dimensões e conteúdos relativos à alfabetização passaram por ampliações progressivas e complexas, e recebem contribuições de diversas ciências e linhas de pesquisa política e pedagógica. A metodologia descrita nos “Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa” (1997) expõe que planejamento é um instrumento, por excelência, capaz de: assegurar o diagnóstico das capacidades e dos conhecimentos prévios dos alunos e de criar condições e tempos para definir objetivos e para organizar atividades. Em relação ao ler e escrever, verifica-se que o professor precisa facilitar a interação e propor desafios significativos para os alunos, para que se sintam instigados pela busca de resultados e se tornem sujeitos ativos e envolvidos com os procedimentos de leitor e / ou escritor.

Percebe-se que, enquanto no ambiente escolar alguns ainda parecem acreditar na possibilidade de saber tudo, mas vivemos um momento em que a produção de informação cresce, outros creem que se tornou inconcebível uma prevista totalização de conhecimento. É preciso buscar caminhos para, como educadores, atuarmos nessa sociedade com suas múltiplas linguagens que constituem e representam o mundo, de modo a possibilitarmos a formação de cidadãos propositivos, capazes de selecionar informações, articulá-las e construir conhecimento, a fim de não apenas reconhecer criticamente a realidade, mas propor soluções para os problemas.

Um importante aspecto, a ser considerado se refere à formação dos professores - à sua formação continuada. Em uma sociedade que vive em constante mutação, não faz sentido acreditar que o término de um curso de graduação signifique o término dos estudos. Somos sempre aprendizes.

O próximo capítulo é destinado ao percurso metodológico da pesquisa; a função principal da pesquisa-ação embasada em teorias; a caracterização da turma

e professora colaboradora; a proposta de intervenção; um breve estudo sobre sequência didática; e o projeto em ação.

CAPÍTULO 2: PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa ora apresentada consiste em uma pesquisa-ação e está dividida em três partes: unidade didática, que foi elaborada como principal ferramenta para a realização da intervenção; intervenção pedagógica, realizada em uma turma do 5º ano de uma escola da rede municipal de Araguaína -TO e organização e análises dos dados escritos, visuais, produções e atuação.

Em busca de melhoria para minha prática profissional e objetivando propor conhecimentos como professora pesquisadora, que utilizamos a pesquisa-ação. Concordando com FONSECA (2002):

A pesquisa-ação pressupõe uma participação planejada do pesquisador na situação problemática a ser investigada. O processo de pesquisa recorre a uma metodologia sistemática, no sentido de transformar as realidades observadas, a partir da sua compreensão, conhecimento e compromisso para a ação dos elementos envolvidos na pesquisa (p. 34).

O objeto de estudo da pesquisa-ação é considerada uma situação social, envolvendo um todo. O investigador deixa de ser observador e passa a ter um papel participativo. Quando o professor pesquisador passa a participar na ação, ele traz consigo conhecimentos que irão refletir sobre suas análises sobre a realidade e os segmentos que as forma (FONSECA, 2002, p. 35).

A pesquisa é de suma importância, pois é através dela que se extraem informações e conhecimentos de uma determinada problemática e assim, encontram-se possíveis soluções.

Gil (2002, p. 17) define pesquisa como:

(...) o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos a pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

O presente trabalho foi realizado através de uma pesquisa-ação, como forma de diagnosticar e analisar a contribuição da literatura infantil como ferramenta

utilizada nas práticas de letramento. As fontes teóricas foram a base do trabalho e nortearam todas as considerações bem como a pesquisa. Para a coleta de dados, foi utilizada como referência a UD (Unidade Didática) desenvolvida pela pesquisadora. A UD contemplou várias atividades relacionadas à literatura infantil, sendo bastante proveitosa para a obtenção de dados necessários acerca do tema estudado. De acordo com Gil (2002, p. 140) “... obter dados mediante procedimentos diversos é fundamental para garantir a qualidade dos resultados obtidos...” e que estes devem ser oriundos das observações obtidas de diferentes maneiras.

A pesquisa-ação pode ser classificada como diagnóstica e interventiva. Qualitativa e de cunho etnográfico, que para André (1995, p. 19), a principal preocupação da etnografia é com o *significado* que têm as ações e os eventos para as pessoas, com o intuito de explicar sua cultura e perceber seus significados. Propusemos então, diagnosticar e intervir sobre como é trabalhada a literatura infantil nas séries iniciais, como é desenvolvida e quais as suas contribuições para o ensino da leitura e da escrita.

A pesquisa está direcionada para alunos e professora da turma do 5º ano “A” Matutino de uma escola municipal em Araguaína- TO. Os alunos atendidos na Escola Municipal são oriundos do setor e dos bairros circunvizinhos que não possuem uma escola do Ensino Fundamental; são considerados de baixa renda. A comunidade é constituída de pequenos comerciantes, trabalhadores rurais, trabalhadores do comércio e indústria, profissionais da educação e saúde, aposentados e vendedores ambulantes.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA TURMA E DA PROFESSORA REGENTE

Descreveremos aqui nesta seção, a caracterização da turma selecionada e da professora regente da turma.

A turma selecionada para ser colaboradora nesta pesquisa é formada por 28 (vinte e oito) alunos matriculados, até a finalização da intervenção, todos frequentes no 5º ano “A” Matutino. A maioria dos alunos é originária do próprio bairro onde se localiza a escola, uma pequena parte é originária de outros bairros próximos, também de periferia, como foi demonstrado anteriormente. A faixa etária dos alunos

vai de 09 (nove) a 11(onze) anos de idade, com exceção de 01 (um) aluno que tem 13 (treze) anos.

Segundo a professora regente, é uma turma boa para trabalhar, apesar das dificuldades de aprendizagem em relação à turma do período vespertino, 5º ano “B”. Ainda segundo ela, boa parte dos alunos tem dificuldade com leitura e escrita nas aulas de Língua Portuguesa, ciências, história e geografia. Há poucos alunos que já repetiram o ano letivo e um aluno ainda está em processo de alfabetização, a professora está trabalhando com ele as famílias silábicas. Como é comum nas escolas da rede municipal, dificilmente a turma estava completa, pois sempre alguns alunos faltavam, às vezes, justificavam as faltas junto à coordenação escolar, apresentando o atestado médico e, em outros casos, apenas faltavam e não se justificavam. Segue em anexo a tabela com nomes fictícios (personagens infantis) dos alunos colaboradores, idade e sexo.

QUADRO 1- RELAÇÃO DOS NOMES FICTÍCIOS DOS ALUNOS COLABORADORES

Nº	NOME FICTÍCIO DOS ALUNOS	IDADE	SEXO
01	Aladim Gomes de Oliveira Junior	10	M
02	Ali Babá Pereira de Paula	10	M
03	Bela Lima Gonçalves	09	F
04	Bela Adormecida Carlos da Silva	10	F
05	Beleza Negra Pereira da Silva	10	M
06	Branca de Neve Barbosa Paz	10	F
07	Cachinhos Dourados da Silva Sousa	10	F
08	Chapeuzinho Vermelho de Brito Lima	10	F
09	Cinderela da Silva	10	F
10	Dorothy Gale Barbosa da Silva	09	F
11	Emília Costa Alexandre	10	F
12	Fera Silva Valadares	13	M
13	Gato de Botas Miranda Alves	11	M
14	Magali Sousa Martins	10	F

15	Mágico de OZ Silva Soares	10	M
16	Menino Mágico Farias de Sousa	10	M
17	Menino Maluquinho Abreu Pereira	10	M
18	Mônica Ribeiro de Sousa	10	F
19	Narizinho Paiva de Medeiros	10	F
20	Pequena Sereia Pereira dos Reis	10	F
21	Pequeno Polegar Rodrigues da Costa	09	M
22	Pequeno Príncipe de Sousa do Nascimento	10	M
23	Peter Pan Alves Peixoto	09	M
24	Pinóquio Pereira Silva	10	M
25	Polegarzinha Munis e Silva	10	F
26	Rapunzel Rodrigues da Silva	10	F
27	Soldadinho de Chumbo Lopes Rodrigues	11	M
28	Visconde de Sabugosa Lopes de Sousa	10	M

A professora colaboradora regente da turma do 5º ano A possui Licenciatura em Letras e complementação em Pedagogia. Docente efetiva da rede municipal de ensino com carga horária total de 40 horas semanais, atuando nos turnos matutino e vespertino. Ela ministra aulas na área de língua portuguesa, matemática, história e geografia e ciências.

A professora regente assistiu e participou de todas as aulas ministradas pela professora-pesquisadora e sempre fazia registro das atividades desenvolvidas. Elogiava as estratégias didáticas trabalhadas, dizia que tomaria como exemplo para a sua prática profissional; é muito criativa e dinâmica e está sempre aberta para sugestões. Durante a intervenção, a professora regente se manifestava quando algum aluno estava com conversas paralelas, ela os trocava de lugar e quando era preciso organizar a turma em círculos e duplas, estava sempre auxiliando. Chamava a atenção dos alunos para participar mais dos debates, das socializações. Em seguida fazia o seu relato em relação aos alunos e os momentos em questão.

Em seguida apresentaremos a proposta de intervenção para realização desta pesquisa de mestrado.

2.2 A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: SEQUÊNCIA DIDÁTICA GERENCIANDO PRODUÇÃO

Optamos em desenvolver uma sequência didática devido a sua função primordial de facilitação do entendimento sobre os gêneros textuais. É importante a utilização da sequência didática porque engloba um conjunto amplo de atividades que analisem o texto como uma conexão de ensino e os diversos gêneros textuais como ferramenta de ensino.

Uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero oral ou escrito. (...) Quando nos comunicamos, adaptamo-nos à situação de comunicação. (...) Os textos escritos ou orais que produzimos diferenciam-se uns dos outros e isso porque são produzidos em condições diferentes. (ROJO e GLAÍS, 2004, p. 97).

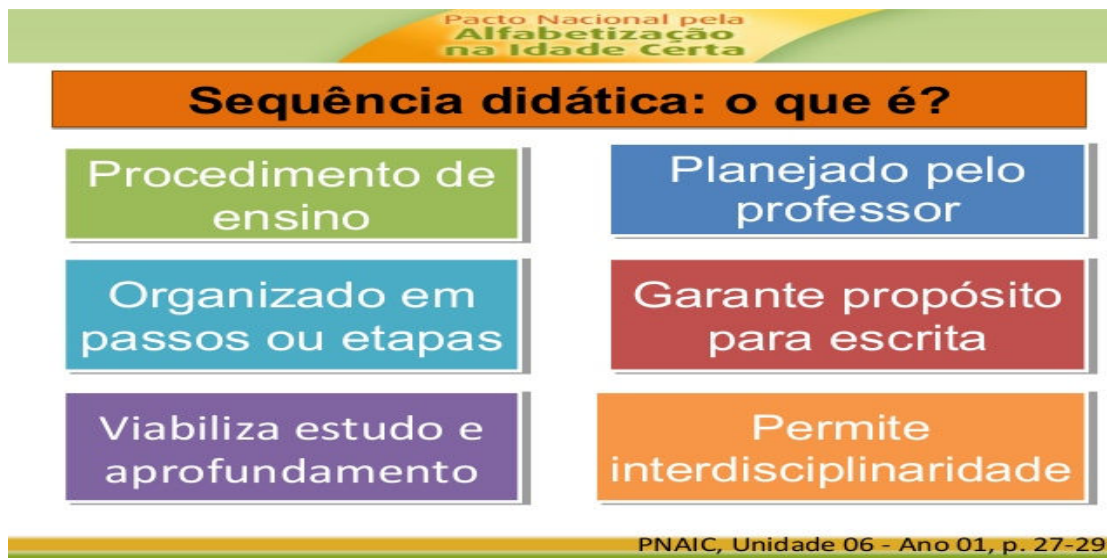
Formar agente produtor de texto é um objetivo desafiante para o professor. Para que este objetivo seja alcançado com eficácia, o professor deve estar munido de instrumentos que são necessários para a formação do agente produtor de texto, elaborando-o ciente da sua flexibilidade dos elementos que determinam o processo. Portanto, a importância e a responsabilidade de seguirmos um sequencial norteador da prática.

Para organizarmos uma SD³, é preciso observar uma forma coerente e adequada para nossos alunos. Esse olhar para a organização ainda é pouco tratado em sala de aula, devido nós educadores não conseguirmos abranger em sua totalidade. Isso acaba gerando uma grande dificuldade de transmitir para os alunos o conceito e a aplicação dos diversos gêneros textuais. Desse modo, o procedimento *sequência didática* é bastante propício, pois ajuda o professor a organizar, coerente e adequadamente, a utilização da língua em sua amplitude.

Observemos o quadro esquemático sobre o que é *sequência didática* de acordo com o Programa Pacto Nacional Alfabetização na idade certa.

³ SD: refere-se à abreviação do termo Sequência Didática

FIGURA - 2⁴ - SEQUÊNCIA DIDÁTICA



Se atentarmos para a amplitude que a SD nos proporciona e obedecermos cada etapa, estaremos proporcionando aos nossos alunos um leque de oportunidades para o desenvolvimento de aprendizagem. A sequência didática precisa ser apresentada pelo professor aos alunos de forma minuciosa. O aluno deve apropriar-se de todas as informações referentes às atividades propostas. O momento de apresentação, o professor tem que ser claro e objetivo quanto ao receptor do texto, a construção do material, conteúdo temático, estilo, ou seja, a organização geral a serem trabalhados, os recursos, onde irá circular a produção, enfim, devem ser objetivados e ter finalidades.

Segundo Lerner (2002), o objeto de ensino, ao ser apresentado, deve ser fiel ao saber ou à prática social que se pretende comunicar, devendo-se partir do pressuposto de que o aprendiz se constitui num participante ativo e capaz de atribuir ao saber uma pauta, um sentido pessoal.

[...] os currículos não são conteúdos prontos a serem passados aos alunos. São uma construção e seleção de conhecimentos e práticas produzidas em contextos concretos e em dinâmicas sociais, políticas e culturais, intelectuais e pedagógicas. Conhecimentos e práticas expostas às novas dinâmicas e reinterpretadas em cada contexto histórico. As indagações revelam que há entendimento de que os currículos são orientados pela

⁴ Pesquisado em: <http://pt.slideshare.net/CamilaRibeiro35/sequencia-didtica-parte-2> em 23/08/2016 às 17:09 horas

dinâmica da Sociedade. Cabe a nós, como profissionais da Educação, encontrar respostas. (LIMA, 2007, p.9)

Portanto, fica claro que o currículo não se trata somente de uma seleção de conteúdos prontos a serem repassados aos aprendizes, ele não termina na aplicação do conhecimento às experiências do dia a dia, pois seu objetivo e função vão além dos resultados alcançados, ele projeta o indivíduo crítico e reflexivo do amanhã.

Optamos pela sequencia didática, porque é um processo de essencial importância no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, uma vez que permite uma interação entre vários elementos: professor – aluno – texto (gênero textual).

A seção seguinte, apresentaremos a Unidade Didática deste trabalho, composta por objetivo geral, objetivos específicos, conteúdos, metodologia e recursos.

2.3 PROJETO EM AÇÃO: DESENVOLVIMENTO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Nesta seção, transcrevemos o plano de aula, abrangendo os objetivos, conteúdos, metodologia e recursos, ou seja, a unidade didática desenvolvida.

UNIDADE DIDÁTICA

Professora Orientadora: **Dra. Selma Maria Abdalla Barbosa Dias**

Professora Pesquisadora: **Viviane Gonçalves Brandão**

Disciplina: **Língua Portuguesa**

Turma: **5º ano do Ensino Fundamental I**

PESQUISA DIAGNÓSTICA QUALITATIVA INTERVENTIVA

TEMA – Desenvolvendo a Linguagem oral e escrita através da Literatura Infantil (A Galinha Ruiva)

Objetivo Geral: Desenvolver os usos da linguagem oral e escrita de leitura, tendo como instrumento de ensino o texto literário.

Objetivos Específicos:

- Conhecer a história da Galinha Ruiva;
- Estimular o gosto pela leitura a partir da utilização do texto literário;
- Incentivar o uso da linguagem oral para: conversar, comunicar-se, brincar, contar histórias e expressar suas opiniões, seus desejos, sentimentos;
- Desenvolver o uso da linguagem escrita, descrevendo a história da maneira que compreende;
- Identificar no texto tipos de frases: afirmativa, interrogativa e exclamativa;
- Ler e interpretar os textos trabalhados;
- Destacar no texto os personagens;
- Ampliar a imaginação através dos contos literários;
- Trabalhar a importância do trabalho coletivo;
- Perceber através da história, a importância da amizade e cooperação;
- Registrar exemplos de cooperação e superação, vivenciado na família;
- Identificar na história os vários tipos de animais e imitá-los produzindo os sons;
- Ampliar e explorar o vocabulário e os sons;
- Promover a socialização e o entrosamento;
- Conhecer e identificar o gênero receita;
- Estimular a criatividade, a imaginação e a fantasia;
- Exteriorizar emoções e sentimentos;
- Expressar ideias e opiniões com espontaneidade;
- Incentivar o trabalho coletivo;
- Ampliar e explorar o vocabulário;
- Contribuir para a organização do pensamento;
- Contribuir para o desenvolvimento da linguagem oral;
- Promover a socialização e o entrosamento;
- Usar a criatividade na construção de um livro;
- Confeccionar o cenário e as roupas para a apresentação;

- Possibilitar uma melhor compreensão do texto e conteúdos.
- Participar de situações de faz de conta manipulando e explorando figurinos e outros materiais cênicos;
- Interagir com os colegas nos momentos de apreciações teatrais;
- Apreciar peças teatrais;
- Vivenciar experiências de pintura e materiais cênicos;
- Explorar o espaço cênico;
- Interagir com personagens caracterizados;

Conteúdo:

- Texto narrativo ficcional: Conto.
- Livro: A galinha Ruiva.
- Dramatização do conto com a utilização de fantoches.
- Fábula: Passarinho e o incêndio.
- Fábula: A gansa dos ovos de ouro.
- Pontuação e acentuação.
- Tipos de frases: afirmativa, interrogativa e exclamativa.
- Exploração do gênero receita.
- Sequência da narrativa. (Parágrafos).
- Leitura de imagens (construção do texto oral).
- Música: A Galinha Ruiva⁵
- Pontuação e acentuação.
- Produção de texto: Mural de exposição com registro de superação e cooperação;
- Produto Final: Confeção de um livro: Baseada na história “A Galinha Ruiva”.
- Dramatização da história: “A galinha ruiva” (participação dos alunos).

Metodologia:

- Socialização e interação com a turma.
- Organização da turma em círculo para a realização do conto da história.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch>

- Apresentação do livro: “A Galinha Ruiva”.
- Confeção do livrinho da Galinha Ruiva.
- Narração da história, explorando a voz para imitar a fala dos animais e os fantoches para representa-los.
- Leitura negociada: interação entre professor e aluno;
- Destaque ao uso da pontuação na leitura.
- Debates sobre a história (O que acharam da atitude dos animais que não quiseram ajudar a Galinha Ruiva; Você já presenciou alguma situação parecida?).
- Explicação da importância do trabalho coletivo, a cooperação.
- Explorando a história da Galinha Ruiva, apresentar o vídeo da história, permitindo ao aluno um pouco mais de interação com texto, ou seja, uma familiarização com o texto narrado, escrito, visualizado e sonoro.
- Após ouvir a canção contida no vídeo, distribuir cópias com a letra da música.
- Solicitar que os alunos identifiquem no texto da música os valores em seguida fazer um debate sobre: respeito/ obediência.
- Discussão sobre os valores presentes no texto: a amizade, a solidariedade, a cooperação, atitude e força de vontade.
- Vamos cantar a música: “A galinha Ruiva” em seguida ler o texto da música e responder a atividade sobre o texto da música.
- Apresentar a fábula: “O passarinho e o incêndio”. Uma linda reflexão sobre a solidariedade.
- Em círculo, os alunos irão compartilhar a leitura da fábula com a professora, pautando bem a pontuação, a fim de buscar um desempenho e entendimento melhor do texto.
- Contar o meu exemplo (pesquisadora) de superação para os alunos, a fim de que eles possam identificar e relatar algo vivenciado por eles ou por alguém da família.
- Após a leitura dos textos, solicitar aos alunos que escrevam um texto relatando algum exemplo de superação e cooperação de alguém que conhece ou dele mesmo.
- Debates sobre a mensagem que cada texto transmite.

- Comparar a moral da história de cada texto.
- Apresentar o gênero receita para a turma.
- Mostrar o cartaz com a lista dos ingredientes da receita escrita;
- Pedir para os alunos lerem os nomes (com o auxílio de uma régua, passando a régua em cima de cada palavra lida, mostrando que a leitura é feita da esquerda para direita e de cima para baixo);
- Pedir também para que um aluno (ou um aluno de cada vez) vá até o cartaz e leia a lista de nomes. Orientá-los a ir passando a régua em cada palavra como a professora fez.
- Explicação do gênero receita;
- Pedir para que identifiquem no texto as partes principais de uma receita. Qual a importância dos números, tempo, ingredientes, etc.
- Apresentar e orientá-los quanto à confecção do produto final, que será um livro confeccionado por eles e a apresentação de uma dramatização. Explicando que as apresentações e exposições dos materiais confeccionados acontecerão no último dia de intervenção, sendo que neste dia, fecharemos nossas aulas com uma festa de encerramento, com direito a bolos (receita de bolo de milho), refrigerantes, lembrancinhas, apresentações e agradecimentos.
- Dividir a turma em duplas para que cada dupla confeccione uma página do livro, contendo a página, ilustração e o texto.
- Distribuir papel A3 para confecção das páginas.
- Explicar que cada dupla deve ser responsável por uma ou mais páginas, para que quando concluídas, possamos encaderná-lo.
- Selecionar alunos para participar da dramatização.
- Promover ensaios da dramatização.
- Organização do espaço para as apresentações.
- Atividades xerocopiadas.

Tempo estimado: 15 aulas com duração de 1 hora e meia cada aula.

Ano: 5º ano do Ensino Fundamental I

Recursos:

- Datashow;
- Vídeos: A Galinha Ruiva⁶.
- Livro “A Galinha Ruiva”;
- Micro system.
- Pen drive.
- Câmera digital.
- Fantoches / chapéu com o rosto dos animais.
- Cópias de atividades;
- Chamex, caneta, lápis preto, lápis de cor, canetinha hidrocor, EVA, papel madeira, tinta guache, pincel.
- Encadernado A3.
- TNT para a confecção dos painéis.
- Quadro branco.
- Dicionário.
- Para a apresentação da dramatização: pé de milho, enxadinha, regador, forma de bolo, espiga de milho, etc.

No próximo capítulo, faremos a exposição das aulas com atividades reproduzidas da UD elaboradas pela professora-pesquisadora. Em primeiro momento, abordaremos como foram conduzidas as aulas e logo após, analisaremos as atividades com as respostas dos alunos. Ressaltando que, não serão realizadas as análises em todas as atividades.

CAPÍTULO 3: DISCUTINDO A AÇÃO INTERVENTIVA E ANALISANDO OS DADOS

Nesse capítulo falaremos sobre a análise dos dados. Objetivamos descrever a interação entre professora-pesquisadora e alunos, discorrendo sobre os registros escritos dos trabalhos de mediação entre professora-pesquisadora e alunos.

A análise proposta é desenvolvida a partir da descrição das aulas realizadas, procurando evidenciar a maneira como as atividades foram dirigidas e principalmente

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch>

como foi à participação e a expectativa dos alunos em relação às mesmas e também ao aprendizado.

Com o intuito de diagnosticar a contribuição da literatura infantil para o desenvolvimento da fala, da leitura e da escrita, proporcionando a formação de leitores, é que nos propusemos a investigar a seguinte pergunta norteadora: **Como a literatura infantil contribui para as práticas de letramento na primeira fase do Ensino Fundamental?**

A fim de alcançar o objetivo geral desta pesquisa que é diagnosticar a contribuição da literatura infantil para o desenvolvimento da fala, da leitura e da escrita, proporcionando a formação de leitores, que desenvolvemos o projeto de intervenção composto de bases teóricas voltadas para o ensino desenvolvido a partir da literatura infantil e uma unidade didática contendo atividades de leituras, escrita e arte.

Para o desenvolvimento do projeto, me apresentei à direção da escola como professora pesquisadora e solicitei a autorização para que eu pudesse desenvolvê-lo, se possível, na turma de 5º ano. A direção não se impôs a nenhum momento contra a realização do projeto. Apresentou-me a professora da turma, que além de simpática, muito prestativa. Na oportunidade, expliquei como seria realizada a pesquisa, qual seria a metodologia e que contaria com o seu apoio, pois seria muito importante para a concretização deste trabalho.

O primeiro dia na escola foi apenas de observação e apresentação de ambas as partes. A professora conduziu as apresentações e logo após explicou para a turma que eu estaria ali para desenvolver um projeto de letramento, no qual a participação, compreensão e interação seriam muito importantes para a concretização do projeto. Após a aula, a professora regente da turma passou-me o horário das aulas de Língua Portuguesa. Segue abaixo a tabela do horário das aulas

QUADRO 2 – HORÁRIO DE AULA

Horário de aula			
2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira
7:00h as 08:30h	Planejamento	7:00h as 08:30h	7:00h as 08:30h

QUADRO 3 - DIAS DAS AULAS DE INTERVENÇÃO

DIA/MÊS/ ANO	AULAS:
02/05/2016	Apresentação e socialização com a turma.
04/05/2016	Atividade de leitura.
05/05/2016	Interpretação de texto.
09/05/2016	Ilustração da história trabalhada.
11/05/2016	Vídeo da Galinha Espertalhona e da música: A Galinha Ruiva. Interpretação da música.
12/05/2016	Texto: O passarinho e o incêndio.
16 A 20/05/2016	PLANTÃO DE REFORÇO ESCOLAR (NÃO FOI MINISTRADO AULA DE INTERVENÇÃO)
23/05/2016	Texto: O passarinho e o incêndio/ interpretação.
25/05/2016	Comparação dos textos: Galinha Ruiva e o passarinho e o incêndio.
26/05/2016	FERIADO CORPUS CHRISTI
30/05/2016	Gênero: Receita
01/06/2016	Gênero: Receita
02/06/2016	Socialização das atividades.
06 A 10/06/2016	AVALIAÇÕES BIMESTRAIS
13/06/2016	Produção de texto: “Superação”.
15/06/2016	FERIADO PADROEIRO DE ARAGUAÍNA
16/06/2016	Confecção do livro.
20/06/2016	Confecção do livro.
22/06/2016	Ensaio para a apresentação.
23/06/2016	Encerramento com a culminância do projeto, com apresentações e exposições das atividades.

Ressaltando que toda 3ª feira é destinada ao planejamento semanal da professora, a sala fica sob a responsabilidade do professor de Educação Física/ Artes e Religião. Nas 6ª feiras não há aula de Língua Portuguesa.

1ª aula - APRESENTAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO COM A TURMA

A primeira aula foi destinada para a apresentação da proposta de trabalho a ser desenvolvida. Explicamos que o trabalho a ser desenvolvido referia-se a uma etapa do curso de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS e que de maneira alguma estaríamos ali para criticar ou expor alguém e sim porque, para a realização da pesquisa era necessário à participação de cada um na realização das atividades propostas.

A reação dos alunos foi surpreendente, demonstraram bastante interesse pelo tema abordado: Literatura Infantil, que tínhamos como referência o livro da Galinha Ruiva. Expliquei que as nossas aulas seriam voltadas para a história do livro da Galinha Ruiva, intercalando com textos de fábulas que traziam o mesmo contexto de superação/cooperação. No decorrer das aulas, tínhamos momentos de descontração nas produções de artes, momentos para a música, socialização, entrosamento e participação em apresentações de dramatização.

As atividades escritas seriam todas xerocopiadas, a fim de ganharmos tempo na execução do projeto.

2ª aula – ATIVIDADE DE LEITURA

Iniciamos a aula com a distribuição de um livrinho da galinha ruiva. Cada aluno recebeu um livrinho xerocopiado da história. Expliquei que o livro seria utilizado durante toda a execução do projeto. Interessante, que, quando terminei de entregá-los, a turma estava lendo o livro em voz baixa, antes mesmo que eu solicitasse. Fiquei surpresa! Uma concentração radiante tomava conta daquela sala! Como a professora viu a minha admiração foi logo me explicando: “é sempre assim, quando recebem um texto já sabem que primeiramente precisam fazer uma leitura silenciosa”. E assim continuaram.

Ao terminarem a leitura silenciosa, abordei a turma com algumas perguntas: O que acharam da história? É interessante? Há no texto alguma palavra que vocês desconhecem? Após o debate, solicitei aos alunos que fizessemos uma leitura coletiva, cada aluno lia uma página, já que a história não era extensa. Pedi aos alunos que observassem bem a leitura que eu iria fazer, respeitando os sinais de pontuação e os acentos, já que considero importante a realização de uma leitura em voz alta do professor.

Comecei a leitura do livro pausadamente, com entonações elevadas no que se referia às regras de acentos gráficos e acentuação, entusiasmo, sentia-me preparada para aquele momento, pois esperava um resultado positivo daquele trabalho desenvolvido. Destaquei na leitura do texto os diversos sinais de pontuação, observando quando usamos os sinais de: interrogação, exclamação, vírgula e ponto final. Este momento foi marcado também, por uma leitura de negociação e interação entre professor/aluno.

Acredito que um texto bem aplicado em sala de aula faz repercutir. Então saber usá-lo e fazer entretenimento com diversos textos é fundamental para o alcance do objetivo.

Devemos sempre atender os interesses pedagógicos, como os do aluno. Pois a compreensão dependerá de várias condições: habilidade, estilo pessoal, o objetivo da leitura, o nível de conhecimento prévio do assunto tratado e o nível de complexidade pelo texto.

Daí a importância de o professor ler para as crianças, passando confiança, e curiosidade no que lê. Despertando na criança a confiança nela mesma, a curiosidade e o treino da leitura nos diversos ambientes do seu dia a dia. Concordando com Silva:

Os professores precisam desenvolver uma intimidade com os textos utilizados junto a seus alunos e possuir justificativas claras para a sua adoção. E mais: precisam conhecer a sua origem histórica e situá-los dentro de uma tipologia. Essa intimidade e esse conhecimento exigem que os professores se situem na condição de leitores, pois sem o testemunho vivo de convivência com os textos ao nível da docência não existe como alimentar a leitura junto aos alunos. (SILVA, 1988, p.63)

Após a leitura realizada por mim, iniciamos a leitura coletiva, cada aluno iria ler uma página do livro em voz alta para que a turma acompanhasse a leitura. Observando cada participação, pudemos perceber que na turma alguns alunos tinham dificuldades tanto na oralidade quanto na desenvoltura da leitura. Esses alunos, segundo a professora participavam de um reforço escolar⁷. Enquanto outros desenvolviam bem na leitura, a voz era baixinha, e assim que dava, pedia que

⁷ Abrange os alunos com dificuldades na leitura, escrita e interpretação. O reforço escolar está contemplado no calendário escolar 2016. Ressalto que, foi preciso interromper a intervenção devido à semana de reforço.

aumentassem mais o tom da voz. Percebi que a timidez era o “x da questão”. Então, resolvi conversar sobre o texto, lançando perguntas orais como: gostaram do texto? O que acharam da atitude da personagem principal? Ela agiu certo? Qual a mensagem que o texto nos ensina? E assim, após vários questionamentos os alunos começaram a interagir e participar mais.

3ª aula – ATIVIDADE ESCRITA: INTERPRETAÇÃO

Iniciamos a aula fazendo um breve relato da leitura realizada no dia anterior. Logo após a socialização do texto, distribuí a atividade de compreensão do texto. Vejamos a atividade da aluna *Emília*⁸.

QUADRO 4: ATIVIDADE DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTO ESCRITA

⁸ O nome do aluno não foi exposto, tendo em vista a preservação da anonimidade, para referir a determinado aluno utilizamos nome fictício de personagens infantis.

Compreensão de texto	Compreensão de texto
<p>1) Qual é o título do texto? Se você fosse o autor, que nome daria a essa história?</p> <p>R.: <u>A galinha Ruiva, A galinha trabalhadora</u></p>	<p>1) Qual é o título do texto? Se você fosse o autor, que nome daria a essa história?</p> <p>R.: <u>A galinha Ruiva, A galinha trabalhadora.</u></p>
<p>2) Quais são os personagens da história?</p> <p>R.: <u>A galinha o pato o cachorro o gato e os pintinhos</u></p>	<p>2) Quais são os personagens da história?</p> <p>R.: <u>A galinha, o pato o cachorro o gato e os pintinhos</u></p>
<p>3) Onde se passa esta história?</p> <p>R.: <u>No Sítio</u></p>	<p>3) Onde se passa esta história?</p> <p>R.: <u>No sítio</u></p>
<p>4) O que foi que a galinha encontrou? E o que ela resolveu fazer?</p> <p>R.: <u>Um grão de milho planta-lo</u></p>	<p>4) O que foi que a galinha encontrou? E o que ela resolveu fazer?</p> <p>R.: <u>Um grão de milho planta-lo</u></p>
<p>5) Por que a galinha pediu a ajuda dos amigos? O que aconteceu?</p> <p>R.: <u>para não fazer tudo sozinho, todos dizem não</u></p>	<p>5) Por que a galinha pediu a ajuda dos amigos? O que aconteceu?</p> <p>R.: <u>para não fazer tudo sozinha todos dissero não</u></p>
<p>6) A galinha alcançou o seu objetivo? Que exemplo ela deixa para nós?</p> <p>R.: <u>sim não desista do seu sonhos</u></p>	<p>6) A galinha alcançou o seu objetivo? Que exemplo ela deixa para nós?</p> <p>R.: <u>sim não desista do seu sonhos</u></p>
<p>7) O que você achou da atitude da galinha de comer o bolo somente com seus filhotes? Justifique sua resposta.</p> <p>R.: <u>correto por que eles não ajudarão</u></p>	<p>7) O que você achou da atitude da galinha de comer o bolo somente com seus filhotes? Justifique sua resposta.</p> <p>R.: <u>correta porque eles não ajudarão</u></p>
<p>8) Retire do texto:</p> <p>Uma frase de afirmação: <u>"muito bem - pensou a galinha."</u></p> <p>Uma frase de exclamação: <u>Nem eu!</u></p> <p>Uma frase de interrogação: <u>Quem quer ajudar-me a colher as espigas de milho maduro?</u></p>	<p>8) Retire do texto:</p> <p>Uma frase de afirmação: <u>"muito bem pensou a galinha.</u></p> <p>Uma frase de exclamação: <u>Nem eu!</u></p> <p>Uma frase de interrogação: <u>Quem quer ajudar-me a colher as espigas de milho maduro?</u></p>

Podemos observar que a aluna *Emília*, entendeu a história e soube transcrever suas respostas, apesar de não fazer o uso dos sinais de pontuação na maior parte de sua escrita. O aluno também deixou transparecer um pouco de dificuldade em relação ao uso do tempo verbal exemplo da questão nº 05: Por que a galinha pediu a ajuda dos amigos? O que aconteceu? Resposta da aluna Emília: **“para não fazer tudo sozinha todos dizero não”** Observando, constatamos que, em sua primeira resposta da questão de nº 05, ela finaliza e dar um espaço, mas não coloca o ponto. Na segunda resposta, *todos dizero não*, dar a entender que ela queria dizer: *todos disseram não*. Houve uma dificuldade em escrever o verbo **dizer** no plural e tempo passado.

Já a questão de nº 06 a aluna foi bastante dinâmica na sua resposta pessoal: Nº 06: A galinha alcançou o seu objetivo? Que exemplo ela deixa para nós? Resposta do aluno: ***Sim não desista do seu solhos***. Como o texto retrata a perseverança da galinha diante de muitos não, o aluno entendeu que mesmo diante das dificuldades, das palavras negativas que ouvimos, jamais devemos desistir dos nossos sonhos. Na resposta ocorreu a troca do **nh** pelo **lh** na palavra sonho.

Outro exemplo, a questão de nº 7: O que você achou da atitude da galinha de comer o bolo somente com seus filhotes? Justifique sua resposta. Resposta da aluna Emília: “**correta por que eles não ajudarão**”. O aluno achou correta a atitude da galinha e justificou porque os outros animais não ajudaram a galinha, mas em vez de escrever: “**ajudaram**” escreveu: “**ajudarão**” no tempo futuro. Mas isso, não pode ser considerado um “problema”, pois o objetivo maior nesta atividade era que o aluno fosse capaz de ler e compreender o texto, expondo principalmente o seu ponto de vista em relação ao texto, interagindo com o texto. A aluna foi capaz de expressar-se, embora com dificuldades na escrita.

Por isso Solé (1998, p. 88) defende:

O bom ensino não é apenas o que se situa um pouco acima do nível atual do aluno, mas o que garante a interiorização do que foi ensinado e seu uso autônomo por parte daquele. (SOLÉ, 1998, p. 88)

Pode-se perceber que a criança está desenvolvendo progressivamente a autonomia em suas respostas e a partir daí ela terá a capacidade de controlar sua aprendizagem.

Após fazer uma leitura nas respostas dos alunos, não fiz nenhuma correção marcando os “erros” dos alunos com caneta, uma vez que, expliquei que eu não estaria ali para julgá-los, mas sim para motivá-los. A socialização das respostas foi realizada com a participação dos alunos, eu fazia as perguntas e eles iam respondendo de acordo com suas respostas escritas na atividade. O quadro branco era ferramenta para correção, através das reescritas das respostas. Palavras que apareciam com erros frequentes nas atividades de respostas dos alunos eram corrigidas no quadro branco para que os alunos fizessem suas correções.

Acredito que, devemos sempre motivá-los a corrigir os seus próprios “erros”, ou seja, incentivá-los a autocorreção. Se não formos claros quanto ao tratamento das relações letra e som, normas gramaticais e afins; poderemos trazer conflito para as crianças e até mesmo criar impedimentos ao desenvolvimento da aprendizagem. Nessa atividade os alunos foram orientados a fazer a autocorreção das atividades.

4ª – Ilustração da história: A Galinha Ruiva.

Ainda trabalhando o texto da Galinha Ruiva, inserimos como atividade uma ilustração da história. Os alunos tiveram a oportunidade de mostrar suas habilidades com a arte do desenho e pintura. O momento foi de bastante descontração e prazer. Solicitei aos alunos que ilustrassem a história de acordo com o que eles entenderam o texto.

FIGURA: 3 - PRODUÇÃO DE ARTES DOS ALUNOS.

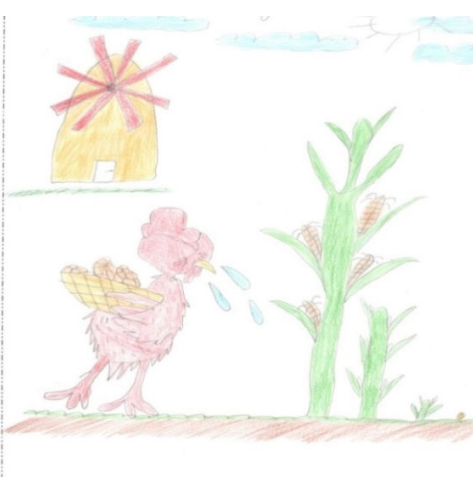
Atividade 4 – 1⁹.

2¹⁰



Atividade 4 – 3¹¹

4¹²



É possível perceber a criatividade, os detalhes e o tema central da história e identifica-los nas quatro ilustrações apresentadas. O momento da produção de artes proporcionou aos alunos descontração e oportunidade para expressarem a criatividade com referência ao texto lido e discutido em sala de aula, além de oportunizar o prazer pelo desenho e pintura, prazer este que a criança apresenta principalmente nos anos iniciais.

⁹ Produção da aluna: Chapeuzinho Vermelho do 5º ano A

¹⁰ Produção da aluna: Branca de Neve do 5º ano A

¹¹ Produção da aluna Dorothy Gale do 5º ano A

¹² Produção do aluno Gato de Botas do 5º ano A

Como ressalta Lajolo, 2005 p. 62 a literatura abre portas, cutuca, alimenta ou nos permite “dar asas à imaginação”.

Mas a literatura é também uma importantíssima fonte de conhecimentos, porque através dos livros aprendemos muito sobre o mundo que nos rodeia. É sempre mais fácil aprender quando nos divertimos, e a literatura pode fazer estas duas coisas: divertir e ensinar. (LAJOLO, 2005, p. 62)

A literatura permite ensinar com diversão, ainda segundo a autora, ela é capaz de expressar a cultura, os valores e o essencial, divertir e ensinar ao mesmo tempo.

Analisando as ilustrações, no desenho da aluna Chapeuzinho Vermelho, pode-se constatar que ela representou a estória dando destaque ao sítio com árvores, a personagem principal: a galinha, os pintinhos e um detalhe, a galinha plantando os grãos de milho, apenas na companhia dos seus filhotes, já que a galinha não teve ajuda de nenhum dos seus amigos. Já a aluna Branca de Neve apresentou três partes da história: a galinha no sítio plantando os grãos de milho, os pés de milho já crescidos e o moinho onde a galinha levou os grãos colhidos para moer. A aluna além de ilustrar, não esqueceu o título para o seu desenho.

No terceiro desenho, a aluna Dorothy Gale representou o sítio, a galinha personagem principal com seus filhinhos e o plantio de milho.

O quarto desenho o aluno Gato de Botas retratou o momento em que a galinha fazia a colheita dos milhos sozinha e em seguida teria que levá-los ao moinho.

Minha função aqui nesta atividade seria estimular o aluno em sua potencialidade. Como ressalta VIGOTSKI (2008, p. 54) que a linguagem surge não como meros códigos a serem assimilados diante da regra escolar, mas como organizadora do pensamento humano. Este espaço serviu para providenciar determinados conhecimentos organizados a partir das leituras trabalhadas. Os alunos puderam utilizar a linguagem da arte para se expressarem diante de nós (professoras), de seus colegas e do mundo que os cerca.

5ª – Vídeo: Galinha Espertalhona e música: Galinha Ruiva.

Para realização desta aula, tínhamos reservado o aparelho de data show da escola uma semana antes, já que era norma da escola. Mas, infelizmente, não foi possível utilizarmos, devido todos estarem com defeitos, nenhum funcionou. Para não perdemos tempo, a professora, regente da turma, solicitou então à coordenação

da escola uma televisão e um aparelho de DVD. Não ficou muito bom, pois a sala estava cheia de alunos e a televisão não ficava na parede, então alguns alunos tiveram dificuldades na hora de assistir, em razão disso, repetimos o filme duas vezes. Mesmo diante dessas dificuldades, foi muito divertido, o filme baseado na história da galinha ruiva¹³: A Galinha Espertalhona, não é cansativa, mas envolvente. O objetivo desta aula era que os alunos fossem capazes de relacionar a história contada no livro com a versão do vídeo. O que tem de semelhante? O que aparece no vídeo que não é contado no livro? Os personagens são os mesmos ou tem alguma diferença? Qual a história mais interessante: do livro ou do vídeo?

As respostas foram surgindo, percebi que não se deve ensinar, porém, deve-se criar condição para que a criança aprenda. Permitindo que as crianças tivessem interação com a linguagem oral, escrita, visual e sonora. Precisamos ouvir e ser ouvidos, a fim de que o aluno perceba e descubra que a língua se organiza de maneiras diferentes. O propósito dessa atividade é favorecer a compreensão de modo a dar mais ênfase a determinados trechos ou escolher o ritmo da narração.

Em seguida, trabalhamos outro vídeo, a música da galinha ruiva. Após assistirmos ao vídeo da música, distribuí cópias da letra da música. Surge então um momento de descontração! A turma cantando, professoras. Uma animação só! Cantamos várias vezes acompanhando o vídeo e logo após propus aos alunos que cantássemos sem o áudio da música. Logo, todos estavam cantando muito bem. Através da música cantada, os alunos exercitaram a linguagem oral, a leitura e o essencial, o entendimento sobre respeito, obediência, união, ou seja, os valores presentes no texto da música.

Com o intuito de abordar ainda mais sobre a importância dos valores como: respeito e obediência; fizemos um debate oral enfatizando os valores presentes no texto da música e do vídeo: amizade, solidariedade, cooperação, atitude e força de vontade. Solicitei aos alunos que fossem citando e identificando os valores já mencionados. A interpretação oral foi surpreendente. Mas resolvi fazer uma interpretação escrita na próxima aula.

¹³ <https://www.youtube.com/watch?v=UXDbwUJtz4s> com duração de 7:24 segundos.

6ª – Interpretação da letra da música.

Iniciamos a aula com a música da galinha. Cantamos novamente e logo após entregamos a atividade escrita de interpretação da música.

QUADRO 5: LETRA DA MÚSICA GALINHA RUIVA.

A Galinha Ruiva é sensacional.	Os filhos da galinha ajudam a mamãe
A Galinha Ruiva é especial.	Chegam da escola e fazem a lição
A Galinha Ruiva trabalha todo dia...	Os filhos da galinha são obedientes...
E todos seus filhinhos fazem	Respeitam todo mundo
companhia.	E vivem bem contentes
A Galinha Ruiva...	A Galinha Ruiva...
A Galinha Ruiva canta essa canção	A Galinha Ruiva...
E tem muito amor no coração...	A Galinha Ruiva...

QUADRO 6: ATIVIDADE¹⁴ DE INTERPRETAÇÃO ESCRITA

¹⁴ Atividade respondida pela aluna Rapunzel (nome fictício)

INTERPRETAÇÃO DA MÚSICA	INTERPRETAÇÃO DA MÚSICA
<p>1. Cite as características da Galinha Ruiva? <u>Ela é sensacional e especial. Ela é trabalhadora.</u></p> <p>2. Assinale as alternativas de acordo com o texto da música. Os filhos da galinha são: () desobedientes () contentes () preguiçosos (x) obedientes</p> <p>2. Descreva como os filhos da galinha ajudam a sua mãe. <u>fazem a lição e são obedientes e respeitam todo mundo</u></p> <p>3. O que você entende por obediência? <u>é a gente deve sempre ser obediente pois a desobediência gera maldição</u></p> <p>4. Você se considera uma criança obediente? Justifique. <u>Sim por que eu sou obediente respeitada e ajudo as pessoas</u></p> <p>5. Os filhos da galinha possuem uma referência, a mãe. Transmite aos seus filhos amor, dedicação, respeito. Você acha que se as famílias refletissem mais sobre esses valores e os colocassem em prática, teríamos uma sociedade melhor? Comente. <u>Sim para melhorar a cidade e a sociedade</u></p>	<p>1. Cite as características da Galinha Ruiva? <u>Ela é sensacional e especial. Ela é trabalhadora.</u></p> <p>2. Assinale as alternativas de acordo com o texto da música. Os filhos da galinha são: () desobedientes () contentes () preguiçosos (x) obedientes</p> <p>2. Descreva como os filhos da galinha ajudam a sua mãe. <u>fazem a lição e são obedientes e respeitam todo mundo</u></p> <p>3. O que você entende por obediência? <u>A gente deve sempre ser obediente pois a desobediência gera maldição</u></p> <p>4. Você se considera uma criança obediente? Justifique. <u>Sim por que eu sou obediente respeitosa e ajudo as pessoas</u></p> <p>5. Os filhos da galinha possuem uma referência, a mãe. Transmite aos seus filhos amor, dedicação, respeito. Você acha que se as famílias refletissem mais sobre esses valores e os colocassem em prática, teríamos uma sociedade melhor? Comente. <u>Sim para melhorar a cidade e a sociedade</u></p>

Buscou-se identificar através desta interpretação se o aluno conseguia identificar qual o valor principal que o texto da música da galinha ruiva retratava. Percebi que a interação da história com a música foi positivamente significativa, pois além da diversão e interação, o aprendizado foi notável.

Os alunos perceberam a importância da palavra obediência, foram capazes de relatar, tanto oralmente quanto através da escrita, o que é ser obediente e os benefícios que temos quando praticamos obediência.

A aluna Rapunzel foi bem ousada quando disse: **“A gente deve sempre ser obediente pois a desobediência gera maldição”**.

Por isso, ao contar uma história, devemos sempre envolver a criança e fazê-la identificar-se com os personagens da história; pois, ao interagir com os textos, a criança passa a despertar emoções como se estivesse vivendo o que ali lhe é contado, o sentimento aflorado permite que a criança, através da imaginação, exercite a capacidade de resolver situações do seu cotidiano.

[...] a obra literária pode ser entendida como uma tomada de consciência do mundo concreto que se caracteriza pelo sentido humano dado a esse mundo pelo autor. Assim, não é um mero reflexo na mente, que se traduz em palavras, mas o resultado de uma interação ao mesmo tempo receptiva e criadora. Essa interação se processa através da mediação da linguagem verbal, escrita ou falada. (AGUIAR, BORDINI, 1993, p. 14)

Uma história proporciona novas possibilidades de aprendizagens: interação, diálogo, valores, trocas de ideias; enfim, o necessário para contribuir para o desenvolvimento da habilidade de expressão. A interação se faz necessário para que a criança descubra o mundo em que vive, e, aos poucos, construa seu próprio conhecimento em relação a ele. O diálogo, valores e trocas de ideias formam um conjunto que devem ser trabalhados juntos. Ao realizar a leitura em sala de aula, o professor deve apontar que mensagem o texto traz consigo e a partir daí esses “valores” poderão tornar-se ferramenta de diálogo com as crianças, permitindo-lhes um progresso na aquisição de aprendizagem.

7ª Aula - ATIVIDADE: COMPARANDO TEXTOS

QUADRO 7: COMPARANDO TEXTOS

COMPARANDO OS TEXTOS

Após a leitura dos dois textos “A Galinha Ruiva” e “O passarinho e o incêndio” responda:

4. O que os dois textos tem em comum?

porque eles não desite dos seus nomes

5. Você acredita que as histórias sejam verdades ou inventadas? Por quê?

inventadas, porque como licho é um conto que fala os textos

6. Que mensagem os textos transmitiram para você? Você gostou?

eu gostei muito, porque nos textos fala que não podemos desite dos nomes.

COMPARANDO OS TEXTOS

Após a leitura dos dois textos “A Galinha Ruiva” e “O passarinho e o incêndio”, responda:

1. O que os dois textos tem em comum?

É a galinha e muito boa

2. Você acredita que as histórias sejam verdades ou inventadas? Por quê?

É sim ela sejam verdades

3. Que mensagem os textos transmitiram para você? Você gostou?

É não porque o texto é boa

COMPARANDO OS TEXTOS

Após a leitura dos dois textos “A Galinha Ruiva” e “O passarinho e o incêndio”, responda:

1. O que os dois textos tem em comum?

Não desistem dos seus sonhos

2. Você acredita que as histórias sejam verdadeiras ou inventadas? Por quê?

inventadas por que nem uma galinha ia plantar um milho

3. Que mensagem os textos transmitiram para você? Você gostou?

Uma história dos nossos sonhos.

As respostas dadas pelos alunos a cada pergunta foram digitadas, buscando manter, sempre que possível, as características de ortografia, pontuação e uso de maiúsculas, entre outras. As respostas foram organizadas e analisadas no quadro a seguir:

QUADRO 08: RESPOSTAS DOS ALUNOS

Questão nº 01: O que os dois textos tem em comum?		
Respostas dos alunos:		
Aluna Branca de Neve ¹⁵	Aluna Polegarzinha ¹⁶	Aluno Peter Pan ¹⁷
“porque eles não desiste dos seus sonhos”	“A galinha é muito boa”.	“Não desistem dos seus sonhos”
Questão nº 02: Você acredita que as histórias sejam verdadeiras ou inventadas? Por quê?		
Aluna Branca de Neve	Aluna Polegarzinha	Aluno Peter Pan
“inventadas, porque cono bichos iran cosequi fazer as coisa	“sim ela sejam verdades”.	“inventadas por que nem uma galinha ia plantar um milho”

¹⁵ Respostas da aluna Branca de Neve (nome fictício)

¹⁶ Respostas da aluna Polegarzinha (nome fictício)

¹⁷ Resposta do aluno Peter Pan (nome fictício)

que fala os textos”		
Questão nº 3: Que mensagem os textos transmitiram para você? Você gostou?		
Aluna Branca de Neve	Aluna Polegarzinha	Aluno Peter Pan
“eu gostei muito, porquê nos textos fala que não pordenos desiti dos sonhos”	“não porque os texto é boa”.	“Nuca desisti dos nossos sonhos”.

Buscou-se identificar, através destas perguntas de comparação de textos, se o aluno conseguia identificar o que teria em comum nos textos trabalhados. Analisando as respostas dos alunos, percebemos que alguns foram capazes de identificar a mensagem trazida pelos dois textos, como a aluna Branca de Neve e Peter Pan: “não desistiram dos seus sonhos”, mas alguns alunos não foram capazes de perceber essa relação, é o caso da aluna Polegarzinha, que em todas as suas respostas não há coerência em suas respostas. Percebe-se a dificuldade em organizar suas ideias e respostas.

Ao investigarmos se o aluno acredita que as histórias dos textos são verdadeiras, questão de nº 02, quase todos os alunos foram capazes de expressar sua opinião, convictos de que são histórias inventadas, como nos exemplos de Branca de Neve: “Inventadas, porque como os bichos iriam fazer as coisas que os textos falam” e Peter Pan: inventadas porque nenhuma galinha ia conseguir plantar milho”.

Mas há alguns alunos que consideram as histórias verdadeiras, como é o caso da aluna Polegarzinha, apesar de não responder o esperado, não podemos julgá-la “errada”, pois quando trabalhamos a literatura, devemos entender que ela é importante para o desenvolvimento da criatividade e do emocional infantil.

As histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância como conquistas, medos, sentimentos de inveja, de carinho, curiosidade, dor, perda, além de ensinar infinitos assuntos (CARUSO, 2003).

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, geografia, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito

menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer, e passa a ser didática, que é um outro departamento (não tão preocupado em abrir todas as comportas da compreensão do mundo) (ABRAMOVICH, p. 17, 2003)

Da mesma forma, as histórias inventadas são importantes. A criança precisa saber de coisas que não fazem parte de sua experiência cotidiana. É comum ela ter um amigo imaginário ou atribuir qualidades humanas e sobrenaturais a um brinquedo ou a um animal. As conversas e as histórias desses personagens, unindo o real e o imaginário, nos dão muitas dicas sobre as crianças, pois é nessas horas que ela deixa transparecer sentimentos como medo, a insegurança, o ódio, o amor. A partir de histórias simples, a criança começa a reconhecer e interpretar sua experiência da vida real.

Na questão nº 3: Que mensagem os textos transmitiram para você? Você gostou? Observei que a maioria dos alunos foi capaz de identificar a mensagem trazida por cada texto, logo, à medida que fazíamos a leitura coletiva, em seguida realizávamos um debate oral sobre o texto, analisando desde o título até a mensagem que o texto transmitia. Mas, assim como a aluna Polegarzinha, citada no exemplo, há outros alunos com muitas dificuldades em leitura e interpretação, embora que essas sejam realizadas antes oralmente, a dificuldade existe.

7ª – Aula de Produção de Texto.

Enfatizando o tema “superação”, palavra constantemente falada para se referir à galinha ruiva, busca-se saber dos alunos colaboradores se já vivenciaram, ou já ouviram algum relato de alguém que superou algo muito difícil era um dos objetivos a serem alcançados, já que o trabalho estava voltado para um texto que retratava muita força de vontade e superação. Assim, propus aos alunos que produzissem um texto contando este momento de superação.

QUADRO 9: ATIVIDADE ESCRITA¹⁸ DE PRODUÇÃO TEXTUAL

<p>ALUNO (A): _____</p> <p>SÉRIE: <u>5º ano</u> TURMA: <u>A</u> TURNO: <u>matutino</u></p> <p>PROFESSORA: _____</p> <p>PESQUISADORA: VIVIANE</p> <p style="text-align: center;"><u>PRODUÇÃO DE TEXTO</u></p> <p>Escreva um texto sobre o tema: "superação". Crie o seu próprio título e se preferir pode também fazer ilustrações. Use a sua imaginação e brilhe! Você é capaz!</p> <p><u>como eu aprendi a ler</u></p> <p><u>Eu tive que mi esforça muito para aprendi a ler eu tetei muito mi esfocei muito e cucegi ler um pouco ai eu fui para o 5º ano e a professora na mi em cinou ler e es to muito feliz com isso.</u></p> <p><u>Eu gagejo um pouco pelomenos eu leio.</u></p>	<p>ALUNO (A): _____</p> <p>SÉRIE: 5º ano TURMA: "A" TURNO: Matutino</p> <p>PROFESSORA: _____</p> <p>PESQUISADORA: VIVIANE</p> <p style="text-align: center;"><u>PRODUÇÃO DE TEXTO</u></p> <p>Escreva um texto sobre o tema: "superação". Crie o seu próprio título e se preferir pode também fazer ilustrações. Use a sua imaginação e brilhe! Você é capaz!</p> <p style="text-align: center;"><u>Como eu aprendi a ler</u></p> <p>Eu tive que mi esfosa muito para aprende a ler eu tetei muito mi esfocei muito. cucegi ler um pouco ai eu fui para o 5º ano e a professora _____ mi em cinou ler i es toumuito feliz com isso.</p> <p>Eu gagejo um pouco pelomenos eu leio.</p>
---	---

Analisando a produção do aluno Mágico de OZ, percebermos que ele ainda tem muita dificuldade na escrita, mas ele foi capaz de descrever de maneira simples, o que é para ele superação.

Como podemos perceber no texto em análise, há uma dificuldade do aluno em organizar seu texto escrito, exemplo, quando ele diz que *"conseguiu ler um pouco"*, porque *"tentou muito e se esforçou"*, passou de ano. Entende-se que ele estava no 4º ano e por ter conseguido ler, passou de ano. E, logo após, cita a professora do 5º ano, ou seja, a professora colaboradora desta pesquisa, *"que o ensinou a ler e que está muito feliz"*, apesar de gaguejar um pouco, mas pelo menos já ler.

Para Vigotski (2008, p. 158) o pensamento e a linguagem, tem uma grande ligação, mas se desenvolvem de maneiras distintas, como acrescenta:

O pensamento e a palavra não provêm de um único modelo. Em certo sentido, entre ambos existem mais diferenças do que semelhanças. A

¹⁸ Atividade do aluno Mágico de OZ (nome fictício)

estrutura da fala não é um mero reflexo da estrutura do pensamento; é por isso que não se podem vestir as palavras com o pensamento, como se este fosse uma peça de vestuário. O pensamento passa por muitas transformações até transformar-se em fala. Não é só expressão que encontra na fala; encontra a sua realidade e a sua forma. (VIGOTSKI, 2008, p. 158)

Acrescenta ainda que:

O progresso da fala não é paralelo ao progresso do pensamento. As curvas de crescimento de ambos cruzam-se muitas vezes; podem atingir o mesmo ponto e correr lado a lado, e até mesmo fundir-se por algum tempo, mas acabam se separando novamente. (VIGOTSKI, 2008, p. 41)

Por isso, acredito que o objetivo desta atividade foi alcançado, apesar das dificuldades dos alunos em relação à escrita e organização das ideias, foi possível detectar na maioria das produções uma história de superação. Houve uma comunicação escrita e socializada, em que o aluno foi capaz de expressar através de um texto uma história de superação, vivenciada por ele ou por alguém do convívio familiar. Portanto, significou uma linguagem como intercâmbio social, como ressalta o autor ora citado:

a verdadeira comunicação humana pressupõe uma atitude generalizante, que constitui um estágio avançado do desenvolvimento do significado da palavra. As formas mais elevadas da comunicação humana somente são possíveis porque o pensamento do homem reflete uma realidade conceitualizada. (VIGOTSKI, 2008, p. 8).

Por isso, constatamos que a literatura infantil abre caminhos, reflete no cotidiano do indivíduo, permitindo que a criança reflita sobre a sua realidade, embora elas ainda tenham dificuldades com as palavras escritas, são capazes de produzir através do pensamento e da escrita, seus desejos, anseios, medos e conquistas.

Percebe-se ainda no texto analisado, que o aluno está no nível da escrita alfabética, pois consegue ler e expressar graficamente o que pensa ou fala, porém ainda escreve com fortes marcas da oralidade. (FERREIRO, 1980).

A leitura do livro, os debates em sala de aula, contribuiu para que ele entendesse o que “superar”. Aprender a ler foi sua superação e o mais importante, ele destaca em seu texto quem lhe ensinou a ler, a professora x. Por isso,

FERREIRO e TEBEROSKY (1999) defende que a criança é capaz de associar a sua realidade com o mundo da escrita com o auxílio de uma professora:

é bem difícil imaginar que uma criança de 4 ou 5 anos, que cresce num ambiente urbano no qual vai reencontrar, necessariamente, textos escritos em qualquer lugar (em seus brinquedos, nos cartazes publicitários ou nas placas informativas, na sua roupa, na TV, etc.) não faça nenhuma ideia a respeito da natureza desse objeto cultural até ter 6 anos e uma professora à sua frente (FERREIRO, TEBEROSKY, 1999, p. 29).

Acredito que a missão do professor é orientar o aluno na aquisição da flexibilidade linguística necessária ao desempenho exigido pela sociedade. Quando trabalhamos com o intuito de oportunizar ao aluno a sua própria construção de aprendizagem, estamos não apenas alfabetizando, mas letrando. Os alunos devem praticar atividades, analisando diferentes textos, comparando-os, pesquisando os porquês das diferenças, construindo regras sobre o uso da língua e, a partir das descobertas, reescrever textos, são práticas que produzem resultado na capacitação do aluno no uso da língua.

FREIRE (1996, p.47) destaca que, “ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção”. Pensando assim, trabalhamos o texto da *Galinha Ruiva*, visando despertar no aluno a motivação, mostrando que ele é capaz de vencer seus medos, suas emoções. Persistindo, esforçando para aprender, será sempre capaz de vencer.

8ª – Gênero: Receita

Iniciei a aula explicando aos alunos que há textos produzidos com a finalidade de instruir o leitor, que são chamados textos instrucionais. Portanto, iríamos trabalhar um texto instrucional: A receita.

E qual seria a receita? Perguntei aos alunos que logo deduziram. *O bolo de milho que a galinha ruiva fez!* Expliquei que é um texto objetivo e claro, há um título e, em seguida, relacionam-se os ingredientes e o modo de fazer (o modo de preparo) e em seguida apresentei a receita do bolo de milho escrita em papel madeira.

O foco principal desta aula era que o aluno fosse capaz de compreender o objetivo do texto instrucional, conhecer as peculiaridades da linguagem do texto

instrucional, pois em geral, as receitas apresentam uma linguagem formal e observar e identificar as características do gênero estudado.

Vejamos a atividade a seguir:

QUADRO 10: ATIVIDADE¹⁹ DE INTERPRETAÇÃO

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO	INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
<p>1) Essa receita serve para:</p> <p>a) <input checked="" type="checkbox"/> orientar o preparo de alimentos</p> <p>b) <input type="checkbox"/> indicar quais remédios um paciente deve tomar</p> <p>c) <input type="checkbox"/> mostrar como se monta um brinquedo</p> <p>2) Quais são as partes em que nossa receita está dividida</p> <p>a) <input type="checkbox"/> Início, meio e fim</p> <p>b) <input checked="" type="checkbox"/> título, ingredientes e modo de preparo</p> <p>c) <input type="checkbox"/> título, conteúdo e autor</p> <p>3) Quais são os eletrodomésticos utilizados nessa receita? <u>liquidificador e forno</u></p> <p>4) Essa é uma receita que as crianças podem fazer sozinhas? Justifique sua resposta. <u>Não, pois não tem o liquidificador e precisa de um adulto</u></p> <p>5) Para que os números são utilizados em uma receita? O que aconteceria se uma receita não apresentasse números? <u>Os números servem para medir os ingredientes e se não tiver número o bolo vai sair ruim</u></p>	<p>1)Essa receita serve para:</p> <p>A)<input checked="" type="checkbox"/> orientar o preparo de alimentos</p> <p>b) <input type="checkbox"/> indicar quais remédios um paciente deve tomar</p> <p>c) mostrar como se monta um brinquedo</p> <p>2) Quais são as partes em que nossa receita está dividida</p> <p>a) <input type="checkbox"/> Início, meio e fim</p> <p>b) <input checked="" type="checkbox"/> título , ingredientes e modo de preparo</p> <p>c) <input type="checkbox"/> título conteúdo e autor</p> <p>3) Quais são os eletrodomésticos utilizados nessa receita? <u>liquidificador e forno</u></p> <p>4)Essa é uma receita que crianças podem fazer sozinhas? Justifique sua resposta. <u>Não por que tem o liquidificador e precisa de um adulto.</u></p> <p>5) Para que os números são utilizados em uma receita? O que aconteceria se uma receita não apresentasse números? <u>Os números sever para metir os ingredientes e se não tiver número o bolo vai sai rui</u></p>

Analisando a atividade de interpretação referente ao gênero receita, observamos que o aluno foi capaz de identificar a principal função da receita, a de orientar no preparo de alimentos. Foi preciso nas respostas pessoais: Questão de nº 4

¹⁹ Atividade respondida pela aluna Bela (nome fictício)

“não porque tem o liquidificador e precisa de um adulto”, entendeu que crianças jamais devem fazer uma receita sem o auxílio de uma pessoa adulta por perto e na resposta da questão de nº 5 “Os números servem para medir os ingredientes e se não tivessem os números (quantidades) o bolo vai sair ruim”. Ela fez uma boa justificativa, alcançando os objetivos propostos, apesar de alguns erros ortográficos e a presença forte da oralidade na escrita.

9ª – Confeção do livro.

Leitura coletiva do livro A Galinha Ruiva, após a leitura coletiva, observamos cada parágrafo e como foram organizados os fatos: como iniciou? Desfecho da história? Como finalizou? Observamos como aconteceram os fatos, a sequência dos acontecimentos e como eram apresentadas as falas dos personagens, ou seja, como eles identificariam no texto a fala dos personagens.

Organizamos com os alunos um roteiro para a confecção do livro: “A Galinha Ruiva”. Em seguida distribuimos os parágrafos recortados do texto referente ao livro. Em duplas, solicitei que cada aluno fizesse a leitura do parágrafo que estava em sua mão. Após a leitura, orientamos quanto ao processo de confecção. No centro da sala, fizemos a exposição de um encadernado A3, onde cada aluno teve a oportunidade de deixar registrado a sua participação neste projeto de letramento. Os alunos observaram a sequência dos acontecimentos dos fatos e à medida que foram descobrindo escreviam o parágrafo e ilustravam a cena. Precisavam estar atentos quanto à sequência da narrativa para a reescrita, assim também com a ilustração. A importância desta atividade é a originalidade do registro de cada participante podendo transmitir o que realmente adquiriram de aprendizagem: *“O gosto pela leitura, o envolvimento com a literatura infantil e o desenvolvimento da linguagem oral e escrita”*.

FIGURA 4: LIVRO CONFECCIONADO PELOS ALUNOS (algumas páginas)



Analisando a ilustração do livro confeccionado pelos alunos, constatamos que eles foram capazes de explorar a imaginação para representar cada parte da estória trabalhada. As paisagens, os personagens, o lugar de cada episódio foram representados de maneira simples, mas envolvente.

Procurei com a confecção do livro, envolver aluno por aluno nesta história de superação, observando os fatos acontecidos, as paisagens, os personagens marcantes da estória e o principal: despertar o gosto pela leitura. Nessa perspectiva, Bettelheim (1996) defende que,

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajuda-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam... (BETTELHEIM 1996, p.13).

Portanto, para que conquistemos pequenos leitores, devemos proporcionar momentos prazerosos explorando a imaginação envolvendo a leitura de literatura infantil.

10ª- Culminância do projeto: A contribuição da literatura infantil para as práticas de letramento: primeira fase do Ensino Fundamental.

No dia 23 de junho do ano de dois mil e dezesseis, finalizamos o projeto intitulado: “A contribuição da literatura infantil para as práticas de letramento: primeira fase do Ensino Fundamental”. O encerramento foi marcado por um momento de prazer para os alunos, pesquisadora, professora e coordenação pedagógica.

Como prometido no início do projeto, levamos o bolo da receita que trabalhamos em sala, pipocas, refrigerantes e lembrancinhas. A sala foi ornamentada com o tema do livro trabalhado, com os cartazes e murais das atividades dos alunos e objetos que fariam parte da dramatização.

Iniciei agradecendo a turma pela participação e desempenho durante o desenvolvimento do projeto. Agradei também a professora pela dedicação e apoio, assim também como a coordenação pedagógica que se fazia presente. Após os agradecimentos, iniciamos a dramatização.

Os personagens que ensaiaram a dramatização se organizaram no espaço reservado para a apresentação, a turma estava sentada em círculo juntamente com a

professora regente e equipe de coordenação. A professora pesquisadora no momento começa a narrar à estória. À medida que ia narrando, os alunos apresentavam, embora com timidez no início.

Mas, os alunos foram capazes de reproduzir suas falas, encenar o episódio utilizando os objetos necessários de acordo com o tempo da narração.

Entende-se que o desafio de formar leitores, por meio da literatura infantil é de grande responsabilidade, tanto da escola quanto do professor, pois precisam ter a disposição e o compromisso de conceder a criança um contato permanente com os livros, para que elas possam conviver desde cedo com suas histórias, embora ainda não conheçam as letras e não desenvolveram a leitura.

Porque a literatura infantil atinge o estatuto de arte literária e se distancia de sua origem comprometida com a pedagogia, quando apresenta textos de valor artístico a seus pequenos leitores. E não é porque estes ainda não alcançaram o *status* de adultos que merecem uma produção literária menor. (ZILBERMAN, 1987, p. 23)

Por isso, acreditamos na literatura e, em especial, na literatura que é trabalhada nos espaços escolares. O professor tem a oportunidade de trabalhar a oralidade de forma popular, fazendo uma inserção da literatura na vida das crianças, proporcionando-lhes uma autonomia identitária e social. Portanto, a criança deixará de depender daquilo que o adulto decide e procurará ser independente de suas escolhas, passando a acessar novas formas de gêneros, desapegando-se da memorização pela musicalidade e repetição, partindo para a leitura em continuidade com a escrita e vice-versa.

Segue em anexo alguns momentos da apresentação:

FIGURA 5: APRESENTAÇÃO DOS ALUNOS



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decorrer dessa pesquisa foi discutida sobre a linguagem oral e seu desenvolvimento, a importância da literatura infantil como ferramenta de ensino que contribui para as práticas de letramento, letramento e alfabetização, práticas, desafios e planejamento de trabalho. Com o objetivo de diagnosticar como a literatura infantil pode contribuir com as práticas de letramento na primeira fase do Ensino Fundamental, investigou-se como a utilização da literatura em sala de aula pode mexer com o imaginário, a criatividade e a desenvoltura na expressão oral e escrita.

Através da pesquisa, mais precisamente da análise dos dados coletados, pode-se perceber que o uso da literatura infantil como leitura diária no cotidiano escolar pode promover um ensino aprendizagem prazerosa. Referente à contribuição da literatura no processo de aquisição da leitura, pode-se afirmar que a criança quando entra em contato com a leitura de histórias, desde cedo e constantemente, desenvolvem a oralidade, a imaginação, a criatividade e principalmente o gosto pela leitura. Vale ressaltar que a Literatura Infantil contribui para a formação do leitor, estimulando a curiosidade e instigando a produção de novos conhecimentos.

Para isso, é preciso promover metodologias diversificadas e criativas. Portanto, a elaboração de uma UD deve ser planejada e pensada de acordo com a necessidade do aluno, visando à sua boa interação e o seu bom desenvolvimento. Para basear esta afirmação, observamos parte do relato da professora colaboradora:

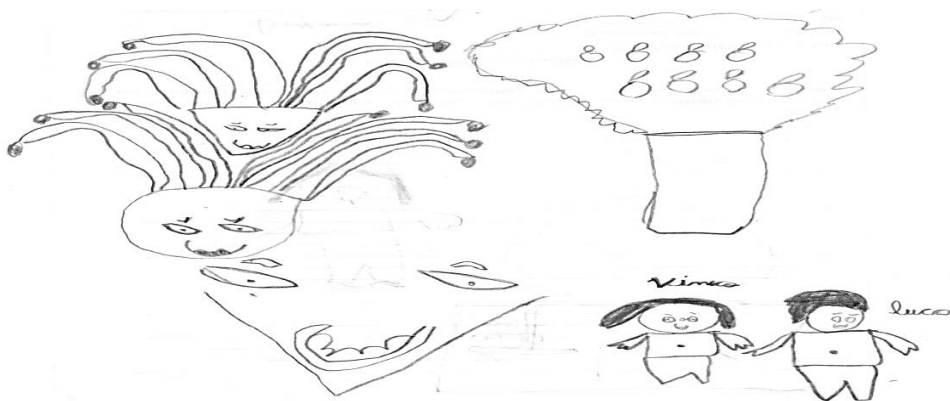
QUADRO 11: PARECER DA PROFESSORA COLABORADORA EM RELAÇÃO AO ENSINO MEDIADO ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTIL.

<p>especial porque não menciono para a da aluno, que a literatura infantil me ce com a imaginação, com a criatividade, sensibilidade e a escrita, além do prazer fornecido pela leitura.</p> <p>Sua contribuição aconteceu de diversas formas: desde o contar da narrativa da leitura compartilhada, interpretação oral e escrita, produção textual, criação de história na forma de um livro, dramatização e culminância espetacular.</p>	<p>no dizer que esse trabalho, buscou valorizar a literatura infantil e sua prática no cotidiano, sob a forma crítica e criativa, deixando nos alunos um gostinho de quero mais.</p>
--	--

Como podemos observar no relato da professora colaboradora, “a literatura infantil contribuiu de diversas formas: desde o contar da narrativa, da leitura compartilhada até a culminância do projeto.” A cada aula era possível notar o entusiasmo da turma referente às atividades desenvolvidas, pois procuramos desenvolver cada passo da UD, com dedicação e compromisso.

No início surgiram algumas dificuldades em relação ao trabalho desenvolvido, isso porque, 01 (um) aluno teve muita resistência para participar das atividades propostas, devido a sua dificuldade: “Não saber ler e escrever”, (não que a maior parte da turma dominasse a leitura e a escrita bem, mas participavam ativamente, embora com suas dificuldades), resistia muito para não participar das atividades. Através de muita conversa e empenho das professoras com esse aluno e mudanças nas estratégias de atividades para ele, conseguimos envolvê-lo ao decorrer das aulas ministradas. Quando as atividades eram de escrita, solicitava ao aluno para ele tentar expor o seu pensamento através de desenho. Vejamos um exemplo²⁰ na figura a seguir:

²⁰ Atividade do aluno Fera (nome fictício)



O aluno ora citado foi envolvido em todas as atividades, embora as suas atividades tivessem pouca escrita e mais desenhos. Nesta atividade apresentada, ele conseguiu escrever o nome de seus primos, embora tenham faltado algumas letras: *Vinicius* e *Luca*.

Os alunos foram envolvidos através da narrativa contada, das músicas, dos vídeos, atividades de produções e ilustrações.

Foi possível detectar o envolvimento e o desenvolvimento dos alunos através das diversas atividades desenvolvidas em sala de aula, “*deixando nos alunos um gostinho de quero mais*” como acrescentou a professora colaboradora.

Nota-se que o trabalho com a literatura infantil é capaz de estimular a produção de conhecimento e percebe-se que ele transforma a criança em um ser capaz de produzir e compartilhar o conhecimento ora adquirido. Levando-nos a perceber que a Literatura Infantil só tem a acrescentar como instrumento de transformação da própria realidade.

Sendo assim, faz-se necessário que acreditamos que a literatura infantil pode proporcionar um aprendizado de forma lúdica e inovadora.

Espera-se que as reflexões aqui apresentadas, contribuam para a ampliação e aprofundamento deste estudo, de maneira a detalhar e especificar o processo e o desenvolvimento da utilização da literatura infantil como ferramenta de ensino no espaço escolar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1995.

AGUIAR, V. T. & BORDINI, M. G. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 11.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____ Brandão, Santos, V.G e M.F. **A escola e o ensino da leitura na primeira fase do Ensino Fundamental**, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARVALHO, C. de. **Para compreender Saussure**. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

DALVI, M. A.; REZENDE, N. L.; JOVER-FALEIROS, R. Orgs. **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo, SP: Parábola, 2013.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Gêneros orais e escritos na escola. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez Editora, 1980. Autores Associados.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

KAIL, M. **Aquisição de Linguagem**. Michèle Kail; [tradução Marcos Marcionilo]. 1 ed. São Paulo, SP: Parábola, 2013.

KATO, M. A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. 5.ed. São Paulo: Ática, 1995.

TFOUNI, L.V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo, Cortez, 1995.

LAJOLO, MARISA, 1944. **Descobrimos a literatura/ Marisa Lajolo (construtora)**. 1 ed. São Paulo: Ática, 2005.

LERNER, Délia; trad. Ernani Rosa. **Ler e Escrever na Escola: o real, o possível e o imaginário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Lima, E. **Indagações sobre currículo: currículo e desenvolvimento humano; organização do documento** Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

LYONS, J. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Trad. de Marilda W. Averborg e Clarisse S. de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

SAUSSURE, F.de. **Curso de linguística geral**. Trad. de A. Chelini, José P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix; USP, 1969.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **A leitura no contexto escolar**, 1988.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOLÉ, I & Coll, C. **Os professores e a concepção construtivista**. Em C. Coll e outros, **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1999.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1988.

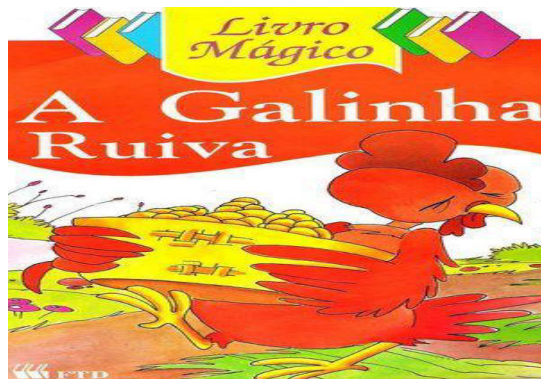
VYGOTSKY, L. S. 1896-1934. **Pensamento e Linguagem**/ L.S. Vygotsky; tradução Jefferson Luiz Camargo; 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 6ª ed. São Paulo: Global, 1987.

APÊNDICES

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

AULA: ATIVIDADE ORAL E ESCRITA.



Em um sítio distante daqui, os bichos viviam livres e bem satisfeitos da vida.

Um dia, uma galinha ruiva, ao ciscar o terreno à procura de minhocas, achou um grão de milho. Era graúdo e amarelinho e a galinha pensou logo em plantá-lo para depois obter uma colheita farta.

Foi correndo ao encontro de seus amigos e perguntou:

__ Quem quer ajudar-me a plantar este grãozinho de milho?

Mas os bichos não estavam nem um pouquinho interessados em arar a terra para depois semear e, ainda por cima, cuidar da plantinha que ia nascer.

__ Eu não quero. __ respondeu o pato.

__ Nem eu! __ disse o gato.

__ Muito menos eu! __ concluiu o cão.

A galinha ficou muito aborrecida, mas não desanimou.

Resolveu plantar o grão de milho mesmo sem a ajuda dos companheiros.

Escolheu um lugar com terra bem fofa, ao lado do galinheiro. Depois, ciscou o terreno até cavar um buraquinho, colocou a semente e, finalmente, cobriu-a com a terra remexida.

Todos os dias, a galinha regava a terra com cuidado para não desenterrar o grão de milho.

Logo a semente começou a germinar. Quando a galinha ruiva viu as primeiras folhinhas brotando da terra, foi correndo limpar o terreno do mato que havia crescido.

Passava grande parte do dia a bicar as lagartas e os bichinhos nocivos à plantinha.

Assim, o pé de milho cresceu forte e viçoso. Algum tempo depois, nasceram muitas espigas.

Quando o milho ficou maduro, a Galinha Ruiva chamou novamente seus amigos e perguntou:

__ Quem quer ajudar-me a colher as espigas de milho maduro?

Mas a pobre infeliz recebeu a mesma resposta de todos:

__ EU NÃO!

“Muito bem __ pensou a galinha. __ Então eu mesma colherei as espigas”.

Dito e feito. Ela passou o dia inteiro trabalhando na colheita do milho, enquanto os outros bichos cochilavam à sombra das árvores.

Chegada a hora de debulhar o milho, a Galinha Ruiva tornou a perguntar se gostariam de ajuda-la.

Desta vez, entretanto, a coitada nem recebeu resposta, pois estavam todos com muita preguiça até para falar.

Então, a Galinha Ruiva pegou as espigas e passou outro dia inteirinho extraíndo os grãos de milho dos sabugos. Depois, fez uma nova tentativa.

__ Quem quer ajudar-me a levar o milho ao moinho para ser moído e virar fubá?

__ Eu não quero. __ respondeu o pato.

__ Eu também não. __ disse o gato.

__ Nem eu! __ concluiu o cão.

É claro que a galinha não teve outra escolha senão a de levar o milho sozinha ao moinho e moê-lo sem nenhuma ajuda.

A pobre trabalhou com afinco até moer o milho todo.

Quando voltou do moinho com o fubá, pensou em fazer um bolo.

Perguntou:

__ Quem quer ajudar-me a fazer um bolo com este fubá?

Novamente, porém, os bichos se recusaram a prestar alguma ajuda à galinha ruiva.

Mais uma vez, lá se foi a galinha fazer tudo sozinha.

Bateu os ovos com fubá, até a massa ficar bem lisa e fofinha, untou a forma e colocou o bolo para assa em forno quente.

Depois, quando viu que o bolo já estava crescido e douradinho, a galinha desligou o forno e esperou que esfriasse.

Ao retirar o bolo da forma, no entanto, um cheiro gostoso invadiu o ar. Os bichos do sítio ficaram com água na boca e foram correndo ver de onde é que vinha aquele provocante aroma.

Ao vê-los tão entusiasmados, a galinha Ruiva perguntou:

__ E agora, quem vai querer comer o bolo, afinal?

__ Eu aceito um pedaço! __ disse o pato.

__ Eu também quero! __ emendou o gato.

__ E eu também! __ disse o cão.

A Galinha Ruiva arrepiou as penas e cacarejou:

__ Pois saibam que não vão provar nem um pedacinho, seus preguiçosos!

__ E repartiu o bolo com seus pintinhos.

Assim, o pato, o gato e o cão aprenderam que sem trabalho e cooperação não se ganha um quinhão!

Disponível: www.https//alinesonhoearte.blogspot.com/2011/09/livro-galinha-ruiva.html

COMPREENSÃO DE TEXTO

1) Qual é o título do texto? Se você fosse o autor, que nome daria a essa história?

R.:

2) Quais são os personagens da história?

R.:

3) Onde se passa esta história?

R.:

4) O que foi que a galinha encontrou? E o que ela resolveu fazer?

R.:

5) Por que a galinha pediu a ajuda dos amigos? O que aconteceu?

R.:

6) A galinha alcançou o seu objetivo? Que exemplo ela deixa para nós?

R.:

- 7) O que você achou da atitude da galinha de comer o bolo somente com seus filhotes? Justifique sua resposta.

R.:

- 8) Retire do texto:
Uma frase de afirmação:
Uma frase de exclamação:

Uma frase de interrogação:

AULA: SOCIALIZAÇÃO DA ATIVIDADE ESCRITA / ILUSTRAÇÃO DA HISTÓRIA

Ilustrar a história da galinha ruiva.

AULA: VÍDEO DA GALINHA RUIVA/ MÚSICA: “A GALINHA RUIVA”.

Vídeo: **“A Galinha Ruiva”**

Música: **“A Galinha Ruiva”**

Letra e música: **Márcio Thomazin**

Arranjo e voz: **Dárcio Telles**

Artes: **Nilson A. Júnior**

MÚSICA

A Galinha Ruiva é sensacional.

A Galinha Ruiva é especial.

A Galinha Ruiva trabalha todo dia...

E todos seus filhinhos fazem companhia.

A Galinha Ruiva...

A Galinha Ruiva canta essa canção

E tem muito amor no coração...

A Galinha Ruiva...

Os filhos da galinha ajudam a mamãe

Chegam da escola e fazem a lição
Os filhos da galinha são obedientes...
Respeitam todo mundo
E vivem bem contentes
A Galinha Ruiva...
A Galinha Ruiva...
A Galinha Ruiva...

Fonte: <https://www.youtube.com/watch>

Vamos cantar em seguida ler o texto da música e responder.

A Galinha Ruiva é sensacional. A Galinha Ruiva é especial. A Galinha Ruiva trabalha todo dia... E todos seus filhinhos fazem companhia. A Galinha Ruiva... A Galinha Ruiva canta essa canção E tem muito amor no coração... A Galinha Ruiva...	Os filhos da galinha ajudam a mamãe Chegam da escola e fazem a lição Os filhos da galinha são obedientes... Respeitam todo mundo E vivem bem contentes A Galinha Ruiva... A Galinha Ruiva... A Galinha Ruiva...
---	--

Aula: EXPLORAÇÃO DO TEXTO DA MÚSICA E SOCIALIZAÇÃO

INTERPRETAÇÃO DA MÚSICA

1. Cite as características da Galinha Ruiva?
2. Assinale as alternativas de acordo com o texto da música.
Os filhos da galinha são:
() desobedientes () contentes () preguiçosos () obedientes
3. Descreva como os filhos da galinha ajudam a sua mãe.

4.O que você entende por obediência?

5.Você se considera uma criança obediente? Justifique.

6.Os filhos da galinha possuem uma referência, a mãe. Transmite aos seus filhos amor, dedicação, respeito. Você acha que se as famílias refletissem mais sobre esses valores e os colocassem em prática, teríamos uma sociedade melhor? Comente.

AULA: LEITURA COMPARTILHADA E ATIVIDADE ESCRITA

O passarinho e o incêndio²¹

Certo dia houve um grande incêndio na floresta, e todas as áreas foram cercadas por um fogo denso. Os animais, atônitos, não sabiam o que fazer e nem para onde correr.

De repente, todos pararam e viram que o beija-flor ia até a margem do rio, mergulhava, pegava em seu bico algumas gotas de água, voava até o fogo e deixava a gotinha cair sobre as labaredas. O elefante, vendo aquilo, disse-lhe: “Você está louco? Acredita que esta simples gota pode apagar um incêndio tão grande?”. Ao que o passarinho respondeu: “Eu estou fazendo a minha parte e se todo mundo ajudar com certeza conseguiremos alguma coisa”.

"Fábula utilizada por Betinho como metáfora de solidariedade"²²

A versão que eu ouvi (contada pelo Betinho) é mais ou menos assim:

. Diz a lenda que havia uma imensa floresta onde viviam milhares de animais, aves e insetos. Certo dia uma enorme coluna de fumaça foi avistada ao longe e, em pouco tempo, embaladas pelo vento, as chamas já eram visíveis por uma das copas das árvores. Os animais assustados diante da terrível ameaça de morrerem queimados fugiam o mais rápido que podiam, exceto um pequeno beija-flor. Este passava zunindo como uma flecha indo veloz em direção ao foco do incêndio e dava

²¹ Disponível em: <https://ipuiuna.com.br/jornal-da-paroquia/o-passarinho-e-o-incendio/>

²² Disponível em: <https://www.truco.com.br/beijafior/betinho.html>

um voo quase rasante por uma das labaredas, em seguida voltava ligeiro em direção a um pequeno lago que ficava no centro da floresta. Incansável em sua tarefa e bastante ligeiro, ele chamou a atenção de um elefante, que com suas orelhas imensas ouviu suas idas e vindas pelo caminho, e curioso para saber por que o pequenino não procurava também afastar-se do perigo como todos os outros animais, pediu-lhe gentilmente que o escutasse, ao que ele prontamente atendeu, pairando no ar a pequena distância do gigantesco curioso.

– Meu amiguinho notei que tem voado várias vezes ao local do incêndio, não percebe o perigo que está correndo? Se retardar a sua fuga talvez não haja mais tempo de salvar a si próprio! O que você está fazendo de tão importante?

– Tem razão senhor elefante, há mesmo um grande perigo em meio aquelas chamas, mas acredito que se eu conseguir levar um pouco de água em cada voo que fizer do lago até lá, estarei fazendo a minha parte para evitar que nossa mãe floresta seja destruída.

Em menos de um segundo o enorme animal marchou rapidamente atrás do beija-flor e, com sua vigorosa capacidade, acrescentou centenas de litros d'água às pequenas gotinhas que ele lançava sobre as chamas.

Notando o esforço dos dois, em meio ao vapor que subia vitorioso dentre alguns troncos carbonizados, outros animais lançaram-se ao lago formando um imenso exército de combate ao fogo.

Quando a noite chegou, os animais da floresta exaustos pela dura batalha e um pouco chamuscados pelas brasas e chamas que lhes fustigaram, sentaram-se sobre a relva que duramente protegeram e contemplaram um luar como nunca antes haviam notado.

Fonte: <http://www.truco.com.br/beijaflor/betinho.html>

ATIVIDADES SOBRE A FÁBULA: O PASSARINHO E O INCÊNDIO

1.

O que você achou da fábula?

2. Para você o que o beija-flor quis dizer com a expressão “estou fazendo a minha parte”?
3. O texto traz a floresta como local onde havia um problema a ser resolvido. Em sua opinião, porque o passarinho fez questão de resolver este problema, embora parecesse impossível aos outros animais?
4. Nos textos, há alguma palavra que você desconhece? Se há, pesquise e registre.
5. Quais são os personagens desta fábula?
6. Que mensagem esse texto trouxe para você?
7. Você já vivenciou alguma situação, que, para os que estavam ao seu lado parecesse impossível de realizar, possuir ou alcançar? Explique.
8. Na versão contada por Betinho, qual animal ficou surpreso, comovido com a atitude do beija-flor?
9. O que fizeram os animais após o incêndio?

AULA: SOCIALIZAÇÃO DAS RESPOSTAS E COMPARAÇÃO DE TEXTOS

Após a leitura dos dois textos “A Galinha Ruiva” e “O passarinho e o incêndio”, responda:

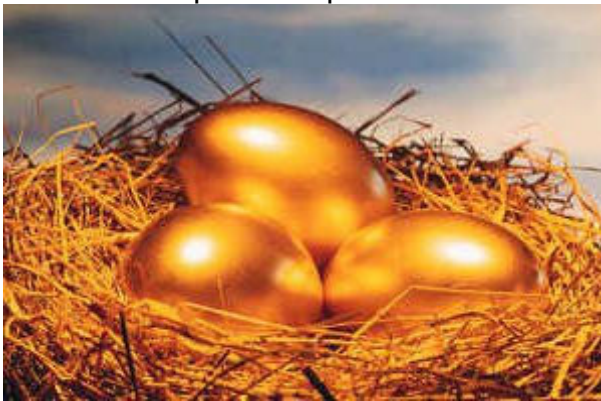
4. O que os dois textos tem em comum?
5. Você acredita que as histórias sejam verdades ou inventadas? Por quê?
6. Que mensagem os textos transmitiram para você? Você gostou?

AULA: ATIVIDADE ORAL – LEITURA/ PONTUAÇÃO E ACENTUAÇÃO

Verificar a importância dos sinais de pontuação. (Leitura coletiva, pautando os sinais de pontuação e acentuação).

Gansa dos Ovos de Ouro

"Quem tudo quer tudo perde"



Certa manhã, um fazendeiro descobriu que sua gansa tinha posto um ovo de ouro. Apanhou o ovo, correu para casa, mostrou-o à mulher, dizendo:

- Veja! Estamos ricos! Levou o ovo ao mercado e vendeu-o por um bom preço.

Na manhã seguinte, a gansa tinha posto outro ovo de ouro, que o fazendeiro vendeu a melhor preço. E assim aconteceu durante muitos dias. Mas, quanto mais rico ficava o fazendeiro, mais dinheiro queria. E pensou:

"Se esta gansa põe ovos de ouro, dentro dela deve haver um tesouro!"

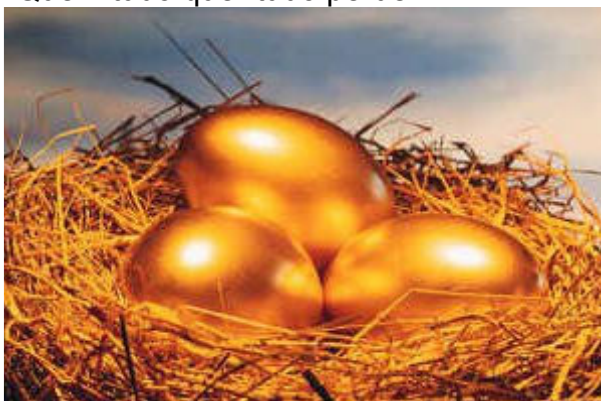
Matou a gansa e, por dentro, a gansa era igual a qualquer outra.

AULA: ATIVIDADE ORAL E ESCRITA / SOCIALIZAÇÃO DAS RESPOSTAS

Observe esta fábula. Leia e em seguida coloque as pontuações e as acentuações necessárias.

Gansa dos Ovos de Ouro²³

"Quem tudo quer tudo perde"



Certa manhã um fazendeiro descobriu que sua gansa tinha posto um ovo de ouro. Apanhou o ovo, correu para casa, mostrou-o à mulher, dizendo:

Veja! Estamos ricos! Levou o ovo ao mercado e vendeu-o por um bom preço.

Na manhã seguinte a gansa tinha posto outro ovo de ouro, que o fazendeiro vendeu a melhor preço. E assim aconteceu durante muitos dias. Mas quanto mais rico ficava o fazendeiro, mais dinheiro queria. E pensou:

Se esta gansa põe ovos de ouro dentro dela, deve haver um tesouro.

Matou a gansa e, por dentro, a gansa era igual a qualquer outra.

AULA: PRODUÇÃO DE TEXTO / SOCIALIZAÇÃO DOS TEXTOS

PRODUÇÃO DE TEXTO

1. Escreva um texto sobre o tema: "superação". Crie o seu próprio título e, se preferir, pode também fazer ilustrações. Use a sua imaginação e brilhe! Você é capaz!

²³ Disponível em <https://www.mensagenscomamor.com/fabulas>

AULA: GÊNERO RECEITA

Atividade de interpretação de texto: Receitas

Receita é um texto instrucional (explica como fazer algo). Uma receita apresenta duas partes claras **INGREDIENTES** e **MODO DE PREPARO**, as receitas tem sempre uma estrutura parecida:

- Título;
- Ingredientes: nessa etapa tem que conter as quantidades especifica de cada ingrediente;
- Modo de preparo: contendo informações pormenorizadas etapa a etapa de como fazer.

OBS. O bolo não foi preparado na sala de aula, por motivo de acessibilidade e disposição de tempo.

BOLO DE MILHO

INGREDIENTES:

4 espigas de milho verde

Meia xícara (chá) de óleo

1 lata de leite condensado

3 ovos

1 xícara e meia (chá) de farinha de trigo

1 colher (sopa) de fermento químico em pó

1 colher (sopa) de manteiga para untar

100 g de coco ralados

Farinha de trigo para polvilhar

MODO DE PREPARO

Retire os grãos de milho da espiga, fazendo cortes rente ao sabugo. Bata no liquidificador com meia xícara (chá) de água. Junte o óleo, o leite condensado e os ovos e bata bem. Em uma tigela despeje essa mistura, acrescente a farinha e misture bem. Por último, junte o fermento. Unte e enfarinhe uma forma redonda com furo central e despeje a massa do bolo. Asse em forno médio alto (200 °C) pré-aquecido por cerca de 40 minutos ou até que, espetando um palito na massa, este saia limpo. Retire do forno. Quando estiver morno, desenforme, polvilhe o coco ralado e sirva a seguir.

DICA: O milho verde fresco pode ser substituído por 2 latas de milho em conserva escorrida (400g).

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO²⁴

- 1) Essa receita serve para:
 - a) () orientar o preparo de alimentos
 - b) () indicar quais remédios um paciente deve tomar
 - c) () mostrar como se monta um brinquedo
- 2) Quais são as partes em que nossa receita está dividida
 - a) () Início, meio e fim
 - b) () título, ingredientes e modo de preparo
 - c) () título, conteúdo e autor
- 3) Quais são os eletrodomésticos utilizados nessa receita?
- 4)Essa é uma receita que as crianças podem fazer sozinhas? Justifique sua resposta.
- 5) Para que os números são utilizados em uma receita? O que aconteceria se uma receita não apresentasse números?

AULA: CONFECÇÃO DO LIVRO

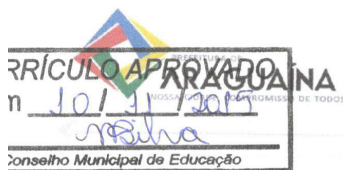
²⁴ Essa atividade foi retirada do site: www.acessaber.com.br/atividades/atividade-de-interpretacao-de-texto-rec.

Leitura coletiva do livro A Galinha Ruiva, após a leitura coletiva, observar cada parágrafo e como foram organizados os fatos: como iniciou? Desfecho da história? Como finalizou? Precisamos observar como aconteceram os fatos, foi utilizada uma sequência para que a história pudesse ser contada e compreendida.

Organizar com os alunos um roteiro para a confecção do livro: “A Galinha Ruiva”. Em seguida distribuir os parágrafos recortados do texto referente ao livro. Em duplas, solicitar que cada aluno faça a leitura do parágrafo que está em sua mão. Após a leitura, orientá-los quanto ao processo de confecção. No centro da sala, faremos a exposição de um encadernado A3, onde cada aluno terá a oportunidade de deixar registrado a sua participação neste projeto de letramento. Os alunos irão observar a sequência dos acontecimentos dos fatos e à medida que forem descobrindo irão escrever o parágrafo e ilustrar a cena. Não será necessário, que a ilustração seja igual ao livro, o importante é que o registro tenha a originalidade de cada participante e que possam transmitir aquilo que realmente adquiriram de aprendizagem: *“O gosto pela leitura e o desenvolvimento da linguagem oral e escrita”*.

AULA: ENSAIOS PARA A DRAMATIZAÇÃO.

ENCERRAMENTO E APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS.



HOMOLOGADO
Em 19/11/2015
Secretário(a) Municipal de Educação

Estado do Tocantins
Prefeitura Municipal de Araguaína
Secretaria da Educação

Calendário Escolar 2016 - Padrão

Janeiro							Fevereiro 18 dias letivos							Março 21 dias letivos							Abril 19 dias letivos						
D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	6	7			
3	4	5	6	7	8	9	7	8	9	10	11	12	13	6	7	8	9	10	11	12	3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16	14	15	16	17	18	19	20	13	14	15	16	17	18	19	10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23	21	22	23	24	25	26	27	20	21	22	23	24	25	26	17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30	28	29						27	28	29	30	31	24	25	26	27	28	29	30		
31																											
1 - Conf. Universal							09 - Carnaval 10 - Cinzas							08 - Dia da Mulher 25 - Paixão de Cristo							21 - Tiradentes						

Maio 20 dias letivos							Junho 22 dias letivos							Julho							Agosto 24 dias letivos						
D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14	5	6	7	8	9	10	11	8	9	10	11	12	13	14	7	8	9	10	11	12	13
15	16	17	18	19	20	21	12	13	14	15	16	17	18	15	16	17	18	19	20	21	14	15	16	17	18	19	20
22	23	24	25	26	27	28	19	20	21	22	23	24	25	22	23	24	25	26	27	28	21	22	23	24	25	26	27
29	30	31					26	27	28	29	30			29	30	31					28	29	30	31			
1 - Dia do Trabalhador 8 - Dia das mães 26 - Corpus Christi							15 - Padroeiro de Araguaína							Férias							14 - Dia dos pais						

Setembro 21 dias letivos							Outubro 19 dias letivos							Novembro 20 dias letivos							Dezembro 16 dias letivos						
D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3						1			1	2	3	4	5				1	2	3		
4	5	6	7	8	9	10	2	3	4	5	6	7	8	6	7	8	9	10	11	12	4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17	9	10	11	12	13	14	15	13	14	15	16	17	18	19	11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24	16	17	18	19	20	21	22	20	21	22	23	24	25	26	18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	23	24	25	26	27	28	29	27	28	29	30				25	26	27	28	29	30	31	
7 - Independência do Brasil 8 - Padroeira do Tocantins							5 - Criação do Tocantins 12 - Nsa. Sra. Aparecida 15 - Dia dos Professores							02 - Finados 14 - Aniv. de Araguaína 15 - Proclamação da República							25 - Natal						

Dias Letivos por Bimestre

1º Bimestre - 50 Dias Letivos
2º Bimestre - 50 Dias Letivos

3º Bimestre - 51 Dias Letivos
4º Bimestre - 49 Dias Letivos

Total anual - 200 Dias Letivos

Legenda

Feriado	Dia Pedagógico	Férias
Matrícula dos Alunos Novatos	Recesso	EPV - Educação para a Vida
Reunião Pedagógica/Adm - Planej.	Formação Continuada	Olimpíadas Escolares
Início do Ano Letivo	Dia "D" da Leitura	Dia da Consciência Negra
Dia Letivo	Cons.de Classe/Término do Bimestre	Encerramento dos Proj. Escolares
Lançamento de Proj. Escolares	Plantão de Reforço Escolar	Renovação de matrícula
Flexibilidade	Avaliações Bimestrais	Jogos interclasse internos

Obs.:

- * Os sábados letivos serão trabalhados ações interativas prevista na Proposta Pedagógica e com participação dos alunos.
- * O dia 07/09, será letivo caso a escola desenvolva atividades em que envolva o aluno e será substituído por sábado letivo.
- * Os dias em que for ponto facultativo e a escola decidir não ministrar aulas, deve enviar a esta Secretaria proposta de reposição.
- * O dia 20/11 -Dia da Consciência Negra será comemorado no dia 19/11, culminância do dia "D da Leitura"
- * Quantidade de dias destinados para a formação continuada do PNAIC: 11
- * Quantidade de dias destinados para a formação continuada da Educação Infantil/4º e 5º ano/Educação Física/ EJA: 05 (para cada modalidade)
- * Quantidade de dias destinados para a formação continuada de Gestores/Coord. Pedagógicos/Coord. Mais Educação: 02 (para cada modalidade)
- * Quantidade de dias destinados para a formação continuada de Professores de AEE e Profissional de apoio/cuidador: 05 (para cada modalidade)